



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

**BIBLIOTECA E OS CONTOS DE FADAS: DESENVOLVENDO VALORES
SOCIAIS**

Brasília

2015

RAFAELA TOSTES RIBEIRO VIVACQUA FRECCHIANI ALVES

**BIBLIOTECA E OS CONTOS DE FADAS: DESENVOLVENDO VALORES
SOCIAIS**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque.

Brasília

2015

A474b Alves, Rafaela Tostes Ribeiro Vivacqua Frecchiani.
Biblioteca e os contos de fadas: desenvolvendo
valores sociais / Rafaela Tostes Ribeiro Vivacqua Frecchiani Alves.
– 2015.

80f.; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Kelley Cristine Gasque. Monografia em
Biblioteconomia (graduação). – Universidade de Brasília,
Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia,
2015

1. Biblioteca Escolar. 2. Hora do conto. 3. Hábito de leitura.
4. Valores sociais. 5. Contos de fadas. 6. Biblioteconomia. –x
formação profissional. I. Gasque, Kelley Cristine. II. Título.

CDU 027.8



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia intitulado Biblioteca e os contos de fadas: desenvolvendo valores sociais, de autoria de **Rafaela Tostes Ribeiro Vivacqua Frecciani Alves**, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Dulce Maria Baptista
Universidade de Brasília

Prof. Me. Murillo de Melo Macedo
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque.

Data de aprovação: Brasília, 8 de Dezembro de 2015

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Soraya, que me ensinou a preferir o lado bom ao ruim da vida, me incentivou e me apoiou na realização dos meus sonhos e propiciou o contato com a leitura, as histórias e a imaginação, de forma que cheguei a lugares aos quais não chegaria sozinha. Admiro a pessoa que você é, a sua força e a sua integridade. Sou muito grata ao universo por te ter como mãe.

Ao meu pai, Fernando, que me escolheu como filha e sempre me incentivou, me motivou e acreditou no meu potencial. Obrigada por sempre estar ao meu lado, por conversar comigo, por segurar minhas barras e compartilhar as suas vivências. Você me ensinou e me ensina a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Eu jamais conseguirei expressar em palavras o que sinto quando penso em vocês. Obrigada por me ensinarem o que significa sentir o amor.

AGRADECIMENTOS

Ao universo pelo amor, pela inspiração, pelos aprendizados, pela sabedoria, pela força nas horas difíceis e por todas as energias positivas que me guiam e me orientam diariamente.

À minha mãe e ao meu pai por me encorajarem a sempre seguir em frente, pelo incentivo diário e por todo amor. As oportunidades de estudo e de aprimoramento pessoal que vocês me proporcionaram foram fundamentais no cumprimento dessa fase.

Aos meus amigos pelo companheirismo simples, sincero e autêntico.

Ao Reginaldo, por todos os auxílios e atenção nesses anos de graduação.

À minha orientadora Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, pelo direcionamento e incentivo.

Aos professores Murillo de Melo Macedo e Dulce Maria Baptista, membros da banca examinadora, pela disponibilidade de participar e pelas contribuições pessoais acerca deste trabalho.

A todas as pessoas que me apoiaram, ajudaram e colaboraram de alguma forma na construção deste trabalho.

RESUMO

Trata da relação entre a atividade de hora do conto e a aprendizagem dos valores sociais no âmbito da biblioteca, com utilização dos livros de contos de fadas. O referencial teórico abordou temas como a biblioteca escolar, a hora do conto, os contos de fadas e a leitura, a educação infantil e os valores sociais. O objetivo principal foi compreender de que forma os bibliotecários podem utilizar os contos de fadas para trabalhar valores sociais na contação de histórias, expondo a importância da atividade de hora do conto no estímulo à leitura. A metodologia utilizada tem caráter qualitativo e a coleta de dados foi realizada mediante entrevistas semi-estruturadas com bibliotecárias, pedagogas, uma professora e uma psicóloga; todas com experiência prévia no trabalho com crianças. A pesquisa teve como resultados a confirmação de que a aprendizagem de valores é mediada pelo contato com os educadores e a importância da hora do conto como espaço educador.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; Hora do conto; Hábito de leitura; Leitura; Valores sociais; Contos de fadas.

ABSTRACT

This paper studies the relation between the process of learning social values and storytelling activities of fairytale books, within a scholar library. The theoretical basis includes themes such as the scholar library, storytelling, fairytales and reading, child education and social values. The main objective is to understand how the librarians can use the fairytales to teach social values through a storytelling activity and also shows the importance of storytelling and the reading habit. This research uses a qualitative methodology. Semi-structured interviews questionnaire were made with librarians, pedagogues, a teacher and a psychologist, all with previous experience on children activities. As a result it was confirmed that social values can be learnt from the contact of educators and reinforced the importance of storytelling as an education activity

Keywords: Scholar library; Storytelling activity; Reading habit; reading; Social values; Fairy tales books.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro I – Caracterização dos participantes

40

Sumário

1	Introdução	10
2	Problema	12
2.1	<i>Objetivos</i>	12
2.1.1	Objetivo geral	12
2.1.2	Objetivos específicos	12
2.2	<i>Justificativa</i>	13
3	Revisão da literatura	15
3.1	Biblioteca escolar	15
3.2	Hora do conto	18
3.3	Contos de fadas e leitura	21
3.4	Critérios de Seleção de contos de fadas	24
3.5	Formação do bibliotecário para a hora do conto	26
3.6	Educação infantil	29
3.7	Aprendizagem de valores sociais	32
4	Metodologia	37
5	Apresentação e Análise dos Resultados	39
5.1	Caracterização das participantes	40
5.2	Características de aprendizagem de valores sociais em crianças de 6 a 7 anos	42
5.3	Estratégias de contação de histórias e os valores sociais	45
5.4	Critérios de seleção dos contos de fadas	50
6	Conclusão	52
	Referências	53

1 Introdução

A biblioteca escolar tem importante papel no desenvolvimento das competências e das habilidades em lidar com as inúmeras informações vivenciadas no mundo de hoje. É um espaço de extensão da sala de aula, onde os alunos podem pesquisar, informar-se, entreter-se e desenvolver capacidades importantes para a sociedade contemporânea.

Ao propiciar o acesso às informações e a aquisição dos conhecimentos, a biblioteca favorece o processo de ensino-aprendizagem. É nesse espaço que os bibliotecários orientam os indivíduos a gerenciar as informações e a transformá-las em conhecimentos novos; incentivam o hábito de leitura, propiciando o prazer pela leitura; além de ampliar os aspectos culturais e sociais do indivíduo, possibilitando o posicionamento crítico e conscientizando os indivíduos da cidadania e dignidade como ser humano.

A sociedade da aprendizagem, compreendida como uma sociedade na qual aprender constitui não apenas uma exigência social crescente, em que é necessário aprender tudo, é vista como também uma via indispensável para o desenvolvimento pessoal, cultural e mesmo econômico dos cidadãos (POZO, 2002, p.1). É necessário que bibliotecário vá além da administração do acervo e das funções tradicionais e organize atividades, em concordância com as atividades escolares, que utilizem esse espaço para socialização e promoção de cultura, de forma a contribuir ativamente no desenvolvimento cultural dos indivíduos. No contexto da ação cultural, o bibliotecário escolar torna-se agente transformador que visa formação de indivíduos que assumam papel de sujeitos de cultura na sociedade.

A hora do conto é uma atividade de ação cultural exercida no espaço da biblioteca escolar, que tem o bibliotecário, como um dos agentes culturais. A atividade consiste na contação de histórias com objetivo de incentivar o hábito de leitura nos alunos, bem como motivar a interação entre o aluno e a cultura, e entre os alunos. Para tanto, utiliza a literatura infantil como recurso. É no processo da socialização que surgem os valores sociais, que indicam ao indivíduo o que é adequado ou não realizar em determinada situação.

O hábito de leitura está ligado ao contexto social em que o indivíduo está inserido, pois os hábitos são formados cedo e estão relacionados às razões culturais. O desenvolvimento humano é multifatorial, o que significa que não é um único fator que compõe o desenvolvimento, mas sim a combinação de vários. Dentre os princípios do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida, é priorizado nesse estudo o fato dele ser influenciado pelo contexto histórico e cultural.

O presente trabalho de conclusão de curso pretende demonstrar a importância da hora do conto como ação cultural e social que apoia a função educativa da biblioteca escolar, incentivando os valores sociais como ferramenta de apoio à cidadania.

2 Problema

Como os bibliotecários podem utilizar os contos de fadas para desenvolver componentes afetivos que incentivam as atitudes e decisões de crianças?

2.1 Objetivos

Este estudo propõe atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos a seguir.

2.1.1 Objetivo geral

Compreender de que forma os bibliotecários podem utilizar os contos de fadas para trabalhar valores sociais na hora do conto.

2.1.2 Objetivos específicos

Descrever os perfis dos bibliotecários, psicólogos e orientadores.

Descrever as características de aprendizagem de valores sociais das crianças entre 6 e 7 anos.

Identificar de que forma as estratégias de interação utilizadas pelo bibliotecário na condução da contação de histórias influencia aprendizagem dos valores sociais.

Identificar os principais valores a serem trabalhados na educação infantil.

Identificar critérios para seleção dos contos de fadas.

Identificar estratégias de trabalho para contação de história.

Identificar estratégias de trabalho para mediar a aprendizagem dos valores sociais durante a contação de histórias.

2.2 Justificativa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) apontam que a prática de leitura deve ser um meio e não um fim e, segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, realizada em 2012, pelo IBGE, as bibliotecas são as instituições de cultura mais presentes nos municípios brasileiros. A Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 dispõe a universalização das bibliotecas escolares em escolas públicas e privadas.

A biblioteca escolar é essencial como espaço educacional que incentiva o hábito de leitura e as habilidades e competências informacionais. Além disso, a função não se restringe a isso, pois a esses espaços compete também a função cultural que contribui com a democratização da cultura (GASQUE, 2013).

A cultura é um elemento constituidor do desenvolvimento humano, pois o convívio com outras pessoas permite ao indivíduo que ele sintetize as diferentes influências do mundo e as ressignifique, de acordo com a própria visão (VALSINER, 2000). No âmbito da biblioteca escolar, diversas atividades podem ser realizadas como forma de propiciar esse desenvolvimento e a contação de histórias é uma dessas atividades e promove o convívio social, além de incentivar o hábito de leitura.

A convivência social implica formas de interação e comportamento inseridas em um contexto cultural. Nas relações sociais são incorporadas as normas e os valores da sociedade, tornando possível o progresso coletivo. Os valores sociais são guias para o comportamento das pessoas, servem como princípios organizadores do pensamento, da ação e constituintes dos referenciais interpretativos (BRANCO, 2006). Eles são influenciados por referenciais afetivos nas pessoas e é na fase da infância que tais valores são apreendidos e incorporados, conforme afirmam Branco (2012) e Valsiner (2007).

A “hora do conto” na biblioteca escolar é uma atividade proposta para todas as idades. Os indivíduos na faixa etária de 6 e 7 anos estão incluídos na fase social denominada infância. Nessa idade, as crianças estão no processo da alfabetização e ainda estão aprendendo a ler, o que torna necessário que alguém leia para elas e as coloque em contato com a leitura. A leitura oral, então, constitui-se como elemento importante por incentivar a aprendizagem e o desenvolvimento nas crianças, sendo uma forma de influenciar no modo que se vê o mundo e na construção de novas significações sobre ele.

Um dos fatores a ser considerado no planejamento da contação de histórias é a escolha prévia do livro. Os contos de fadas são livros com características singulares que podem ser

utilizados, pois neles as crianças encontram soluções simbólicas para as dúvidas, pois os contos funcionam como representação do mundo real, através da imaginação (BETTELHEIM, 2015). O foco principal dessa pesquisa consiste compreender como o bibliotecário pode influenciar no desenvolvimento cultural dos estudantes de 6 e 7 anos, utilizando os contos de fada como ferramentas culturais mediadoras na construção de valores sociais.

3 Revisão da literatura

O capítulo trata da revisão de literatura. A revisão de literatura propõe citar e situar o leitor sobre as teorias previamente estudadas que apoiam a monografia, considerando os conceitos de biblioteca escolar, das atividades culturais na biblioteca escolar, a importância da leitura e a aprendizagem de valores por meio da leitura.

3.1 Biblioteca escolar

A educação é a base do desenvolvimento social. É na escola que a sociedade da aprendizagem encontra as raízes, pois é o local onde se constroem conhecimentos. De acordo com Saviani (1997), “a educação não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática. [...] é uma atividade mediadora no seio da prática social global”.

Para Sabino (2008), a educação constitui importante vertente propulsora de desenvolvimento social, cultural e econômico de um país, assumindo assim grande importância em nível pessoal, social, nacional e transnacional. Mas, para que o desenvolvimento educacional seja impulsionado, o ambiente precisa ser apropriado à aquisição, produção e divulgação do conhecimento.

As relações entre informação, conhecimento e aprendizagem são importantes na compreensão da educação. A informação pode ser conceituada, de acordo com Rezende e Abreu (2008, p.60) como “todo dado, trabalhado, útil, tratado, com valor significativo agregado a ele”. Pellicer (2007, p.88) explica que:

as informações constituem a base do conhecimento, mas a aquisição deste implica, antes, o desencadear de uma série de operações intelectuais, que colocam os novos dados com as informações armazenadas previamente pelo indivíduo. (PELLICER, 2007, p.88)

A evolução das tecnologias da informação e da comunicação na sociedade contemporânea tornou o fluxo de informação intenso e constante, constituindo-se a principal matéria prima do conhecimento. O conhecimento é entendido como a capacidade que o indivíduo tem de relacionar conhecimentos prévios aos novos conteúdos, incorporados às estruturas de conhecimento e utilizá-lo na vida cotidiana (PELIZZARI et. al, 2002).

A sociedade da informação transformou-se em sociedade do conhecimento, pelo entendimento de que somente o acesso à informação não basta para que haja conhecimento. É necessário que as informações sejam transformadas em conhecimento e isso somente ocorre, de acordo com Gasque e Tescarolo (2004), quando há um processo cognitivo, o que significa quando processadas por uma estrutura mental a partir de um

conhecimento prévio. A aprendizagem é o processo que transforma informação em conhecimento (GASQUE, 2004).

Nesse contexto, emerge a denominada sociedade da aprendizagem. Hargreaves (2003), defende que a sociedade do conhecimento é uma sociedade da aprendizagem, pois a produção de conhecimento depende da capacidade dos indivíduos de se adaptarem às mudanças e aprender constantemente.

O primeiro passo para que ocorra a aprendizagem passa pelo acesso à informação, que se torna crucial no desenvolvimento e aprimoramento dos indivíduos. Cabe às instituições de ensino e, principalmente às bibliotecas, a tarefa de promover esse acesso (AMARAL, 2009). Segundo Demo (1998), é fundamental que [a] educação, além de humanizar o conhecimento, dedique-se a aprimorar a qualidade formal, em particular sob o desafio construtivo. Manejar e construir o conhecimento é meta instrumental essencial no processo educativo.

Nessa perspectiva, a biblioteca escolar constitui-se recurso essencial para a aprendizagem. A biblioteca escolar é um ambiente integrado à escola, que objetiva proporcionar o acesso e uso da informação, auxiliar os professores nas ações pedagógicas, fomentar a cultura, incentivar a leitura e facilitar o processo de aprendizagem dos alunos. Segundo Campello (2003), a biblioteca escolar é uma representação do espaço para o desenvolvimento das habilidades de localização, de seleção, de interpretação e de uso da informação, essenciais para se viver em uma sociedade de abundância de informação.

A Declaração Política da *International Association of School Librarianship* (IASL, 2007) sobre as bibliotecas escolares afirma que:

a biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objetivos de aprendizagem da escola e promove-os através dum programa planejado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes (IASL, 2007 p.1).

Compete a esse espaço a divulgação da informação nos diversos tipos de registros e de formatos como livros, revistas, CDs-ROM, filmes, microformas, entre outros. De acordo com Válio (1990), a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura, tendo como objetivo a formação de futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da facilitação de serviços de informação, em benefício do desenvolvimento do currículo e da competência do aluno para aprender a aprender.

A informação é elemento essencial na educação e, dessa forma, a biblioteca escolar tem papel de mediadora no contexto da aprendizagem. Cabe à biblioteca ensinar ao estudante a importância de “aprender a aprender” e não apenas fornecer suporte informacional aos leitores. De acordo com Fragoso (2002, p.124), “longe de constituir mero

depósito de livros, a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico”.

A biblioteca escolar exerce funções cultural, social, recreativa e educativa (IASL, 2003). De acordo com Tarapanoff (1982, p.38), a biblioteca escolar deve trabalhar em favor do aluno no sentido de “reduzir a distância cultural entre educando e seu meio social”.

A função educativa é exercida por ser uma instituição que visa apoiar o desenvolvimento das atividades escolares, embasando o ensino e melhorando a qualidade da educação, da formação escolar do indivíduo e facilitando a aprendizagem. No contexto educativo, o aluno não deve apenas ser um receptor de conhecimentos prontos, mas ter estímulos a se tornar questionador, a desenvolver sua criatividade e a pensar de forma crítica. De acordo com Ribeiro (1994),

A biblioteca possibilita acesso à literatura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente. Para atender essas premissas, a biblioteca precisa ser entendida como um ‘espaço democrático’ onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo (RIBEIRO, 1994, p.61).

A função educativa da escola encontra-se indiscutivelmente ligada à tríade leitura, pesquisa e cultura. Isso se fundamenta na consciência de que a biblioteca escolar tem responsabilidade na ação pedagógica da leitura, integra a ação educativa no que se refere à pesquisa, bem como é propulsora de ações voltadas para a cultura (CAMPELLO, 2003). A biblioteca escolar, na função cultural, transcende o tratamento e a gestão da informação e visa promover condições para a formação cultural do indivíduo como cidadão.

Gasque (2013) defende que a biblioteca escolar deve se inserir no paradigma da integração pedagógica, sem excluir o paradigma de acesso à informação. Isto é, se a biblioteca escolar não atuar de forma integrada com o currículo e em parceria com os professores não conseguirá atingir os objetivos.

3.2 Hora do conto

A função cultural da biblioteca pode ocorrer de várias maneiras. Os espaços devem tornar-se espaços de criação, nos quais haja possibilidade de exploração dos potenciais de criatividade e imaginação dos usuários. A biblioteca torna-se um espaço de ação cultural e os bibliotecários, agentes. De acordo com Francis Jeanson (1973),

O processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim, sujeitos da cultura, não seus objetos". (JEANSON, 1973).

O agente cultural, o bibliotecário, é essencial na atividade de ação cultural. É responsabilidade do agente preparar as condições e fornecer os recursos que propiciem o desenrolar e o avanço da produção cultural, deixando que os membros do grupo exerçam o papel de sujeitos do processo de criação. Nela o indivíduo é o criador, e tem autonomia para escolher com ampla liberdade os meios e técnicas que prefere utilizar no ato criativo (MACHADO, 2011).

Fragoso (2002) destaca que a biblioteca escolar tem autonomia de usar outros espaços além da própria biblioteca, porém tais atividades devem estar relacionadas ao projeto escolar. É importante que ocorra planejamento das atividades culturais em consonância com o currículo escolar e o que ocorre em sala de aula.

Machado (2011) ressalta que a ação cultural é a transformação do espaço da biblioteca em um espaço que, além da leitura, incentiva a apresentação, a representação e a criação, ampliando o espectro de suas funções e atividades tradicionais. Ao contrário de considerar os alunos como meros receptores e consumidores da cultura, a biblioteca escolar irá torná-los participantes do processo de criação e produção cultural, artística e literária.

A atividade de hora do conto é uma das atividades de ação cultural que a biblioteca pode promover como incentivo à leitura, pois se realiza como importante recurso pedagógico-cultural. Esse recurso atua instigando a curiosidade, instruindo, educando, estimulando as habilidades cognitivas e motivando a leitura nas crianças. Para Barcellos e Neves (1995, p.18), "a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento".

O recurso consiste na contação e representação das histórias mediada por um adulto, ou seja, implica na dualidade de sujeitos, em que de um lado está quem conta a história e do outro quem a ouve. De acordo com Caldin (2002, p.1),

Parte-se do pressuposto que literatura é, ao mesmo tempo, voz e letra. A voz se faz letra, a letra carrega a voz, que convida à leitura, que cativa o leitor. Nesse percurso, narrador, autor, leitor e ouvinte pervertem a realidade e adentram no mundo ficcional em que o imaginário é experimentado como forma de articulação entre o real e o irreal. A narração e a leitura

proporcionam a apropriação da realidade do texto escrito em uma forma de entender o mundo (CALDIN, 2002, p.1).

De acordo com Barcellos e Neves (1995, p.18), a hora do conto é o principal meio de estímulo a leitura na biblioteca, pois ela dá oportunidades às crianças a:

- a) estabelecer uma ligação entre fantasia e realidade;
 - b) sentir-se instigada para procurar soluções para problemas apontados ou vivenciados pelos personagens;
 - c) ler por prazer;
 - d) desenvolver o gosto e/ou habilidades artísticas;
 - e) desenvolver a imaginação e a criatividade;
 - f) ampliar suas experiências e o conhecimento do mundo que o cerca;
 - g) desenvolver a capacidade de dar sequência lógica aos fatos.”
- (BARCELLOS E NEVES, 1995, p.18)

Para Fragoso (2002), geralmente, a hora do conto é feita em voz alta, em um lugar espaçoso, onde as crianças podem ficar bem à vontade sentadas em tapetes ou mesmo no chão. É um momento de muito prazer e satisfação entre as crianças, pois não é uma atividade mecânica e obrigatória, mas uma leitura livre e de escolha.

O ato de contar histórias intensifica os relacionamentos entre a criança e as pessoas próximas, sejam elas pais ou educadores. De acordo com Solé (1998, p.118), a leitura compartilhada “é um recurso em que professor e alunos realizam previsões sobre o texto a ser lido e, depois, sobre o que foi lido, como também esclarecem dúvidas sobre o texto e resumem ideias”. O hábito de ouvir histórias contribui para a formação de identidades, pois no momento da contação, há o estabelecimento de uma relação de troca entre o contador e o ouvinte, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva dos ouvintes venha a tona, levando-os a ser quem são. (TORRES; TETAMANZY, 2008, p.2).

Essa interação influencia no desenvolvimento social e no da personalidade, pois dois ou mais participantes atuam contribuindo com suas experiências e conhecimento, formando elos de troca de ajuda mútua. De acordo com Valsiner (1998, p.30),

a construção compartilhada implica mais a criação de novas formas de organização da mediação semiótica e da ação por parte de todos os participantes (mas não necessariamente o tempo todo) do que a aceitação das mensagens à medida que elas são comunicadas por uns aos outros.

Conforme Nogueira (2004, p.17), “a atividade narrativa é considerada ato comunicativo e processo interacional, pois o narrador e o ouvinte atuam na produção da história”. Souza e Bernardino (2011) consideram que as narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças. O conto permite experimentar emoções, vivenciá-las em fantasia, sem precisar passar pelas mesmas situações na realidade; além disso, a história oferece à criança uma nova forma de pensar sobre os sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais.

Fleer e Hammer (2013, p.245) argumentam que a imaginação tem “vinculação com os processos afetivos e cognitivos”. Ao ouvir histórias contadas por outras pessoas, as crianças se conscientizam das próprias emoções e são capazes de nomeá-las. Ao ouvir as histórias em grupo, desenvolvem consciência social, pois as emoções são expressas, transformadas e desenvolvidas pela “relação dialética entre os mundos real e imaginativo” (WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014, p.292). A imaginação afetiva das crianças influencia as experiências com os contos de fadas, pois as ajuda a imaginar os estados emocionais das personagens e os reviver em “atividades de dramatização e representação plástica” (FLEER; HAMMER, 2013, p.248-251).

3.3 Contos de fadas e leitura

O hábito de leitura é uma das atitudes que a biblioteca escolar tem função de motivar, pois a leitura é uma competência fundamental que permite que o indivíduo se comunique, conheça e reflita sobre o mundo. O contato com a leitura deve ocorrer de forma prazerosa, de forma que o indivíduo goste do que lê e que a leitura “não seja motivada como uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto” (SANDRONI & MACHADO, 1991, p.11). Os hábitos são atitudes que se formam na infância e são influenciados por ambientes favoráveis e pelo grupo social, intensificando a importância da biblioteca em utilizar seu espaço como motivação à leitura.

A leitura é um processo que envolve o ler e o interpretar, permitindo a compreensão e o entendimento do mundo através de uma característica particular. Para Solé (1998, p.22), a leitura é “um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”. A conceituação dessa autora propõe o leitor ativo no processo da leitura, o que significa que ele não apenas decodifica o que está lendo, mas também constrói significado sobre ele.

Colomer e Camps (2002) defendem que a leitura vai além do ato de decifrar os signos:

É um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura (COLOMER; CAMPS, 2002, p.31).

A leitura influencia no desenvolvimento infantil estimulando a criatividade infantil e despertando o interesse artístico da criança. É um processo que não deve ser encarado como mecanismo de correspondência entre o oral e o escrito, pois é importante que as crianças signifiquem o que compreenderam na própria linguagem.

O hábito de leitura deve ser iniciado na infância, no ambiente familiar e no ambiente escolar. O processo educativo da alfabetização ocorre na faixa etária de 6 e 7 anos, tornando necessário o incentivo familiar, pois enquanto as crianças ainda não sabem ler, é um adulto quem deve ler as histórias para elas, como forma de despertar a curiosidade e o interesse. Para Rego (1994), a leitura de histórias para crianças é uma das vias mais efetivas de internalização da língua escrita.

A psicogênese da língua escrita explica como funciona o processo de aprendizagem da língua escrita e propõe que no processo da aprendizagem, a pessoa tem papel ativo como cognoscente. A criança aprende sobre os objetos do mundo a partir de suas próprias

ações, construindo suas próprias categorias de pensamento (FERREIRO; TEBEROSKY; LICHTENSTEIN, 1986)

No contexto escolar, a leitura deve ser um incentivo não só para a formação de leitores, mas também para formação de escritores habilidosos. É a partir do hábito da leitura, que o aluno desenvolve observação crítica sobre o mundo que vive e aperfeiçoa a escrita. Segundo Teberosky e Colomer (2003), a aprendizagem da leitura constitui-se numa atividade complexa, por tratar-se a leitura de uma aprendizagem cultural de natureza simbólica. A mediação do adulto, portanto, faz-se necessária durante esta aprendizagem, pois permite à criança ascender ao mundo da linguagem escrita e apropriar-se de suas funções, formas e expressões.

Embora o incentivo escolar relacionado à leitura ocorra na maioria das escolas, o ato de ler não tem contribuído para despertar nos alunos o gosto da leitura. É necessário que as crianças não apenas leiam, mas gostem daquilo que leem. Segundo Solé (1998, p.36), quando a leitura é considerada um objeto de conhecimento, o “tratamento na escola não é tão amplo como seria de desejar, pois em muitas ocasiões a instrução explícita limita-se ao domínio das habilidades de decodificação”.

A maneira de incentivar as crianças à leitura é utilizar recursos que despertem a curiosidade, dando ênfase ao ambiente alfabetizador. O uso da literatura, principalmente a infantil, visa aproximar a criança de algo que elas já conhecem, pois é importante que as histórias sejam vivenciadas por elas. Para Vygotsky (1998), a fantasia é um dos elementos ordenadores da realidade, em que o produto pode ser real ou irreal e os desdobramentos que cabem à psicologia e à pedagogia são estimular a capacidade criadora das crianças, uma vez que os processos da pessoa humana iniciam desde os primeiros anos de vida. A literatura infantil estimula a imaginação e oportuniza situações simbólicas, propiciando clareza no universo afetivo infantil e oferecendo perspectivas de soluções. De acordo com Mercado (2006, p.75), são eficientes para ensinar, justamente, porque encantam as crianças, pois a literatura tem como matéria-prima, a emoção.

Os contos de fadas são histórias com estruturas simples e curtas que se passam em tempo e espaço não determinados e podem ter ou não a presença de fadas. São caracterizados pela presença de um herói ou heroína e um problema que desestabiliza a paz e motiva o herói a enfrentar o mal (PROPP, 2006). De acordo com Bettelheim (2015), os indivíduos buscam saber qual o significado da vida e cabe aos adultos auxiliar as crianças nessa busca.

Exatamente porque a vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre a forma

de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida (BETTELHEIM, 2015, p.13).

O gênero de contos de fadas possibilita despertar o interesse pela leitura e fascínio por histórias encantadas nos alunos, possibilitando que eles criem as próprias histórias e manifestem visões de mundo. Por meio da história e da fantasia, a criança encontra “recursos interiores” que facilitam a resolução de conflitos existenciais. Bettelheim (2015) ressalta que:

Os contos de fadas oferecem figuras nas quais a criança pode externalizar o que se passa na sua mente, de modo controlável. Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta e daí por diante, como requeiram suas necessidades momentâneas (BETTELHEIM, 1978, p.82).

Segundo Brito (2010, p.29),

Os contos de fadas são histórias dotadas de fantasia, contadas de forma sutil e de uma forma que as crianças se identificam com as personagens, por meio do afeto. Essas características auxiliam os pequenos leitores a enfrentar os problemas vivenciados no cotidiano, como a morte, a separação dos pais e as brigas com os irmãos. (BRITO, 2010, p.29),

Para Souza e Bernardino (2011),

Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência... Eles têm suas bases nas camadas do inconsciente coletivo, em sentimentos comuns a toda a humanidade, por isso encontramos histórias bastante parecidas em diversas culturas pelo globo e em épocas diversas. Os contos de fadas possuem um fundo arquetípico, sentimentos complexos organizados de um modo fácil de entender especialmente pelas crianças, mostram que é natural ter pensamentos destrutivos e maus, que não se é essencialmente construtivo e bom e que é preciso ordenar os sentimentos e as tendências contraditórias. (BERNARDINO E SOUZA, 2011, p. 243).

A narração dos contos de fadas estimula o desenvolvimento da linguagem por meio da imaginação, pois os contos são entendidos pelas crianças como descrições de profundas verdades, sob a forma de imagens. Dessa forma, determinadas ideias que as crianças não são capazes de compreender ainda, são apresentadas a elas na forma simbólica, ajudando-as, por meio da imaginação, compreender o que se apresenta na realidade.

3.4 Critérios de Seleção de contos de fadas

A biblioteca é co-responsável no processo ensino-aprendizagem e no incentivo a leitura, portanto, é necessário que o acervo sirva como recurso nesse processo. Isso implica responsabilizar o bibliotecário pela seleção de materiais bibliográficos de qualidade. Esse profissional tem contato tanto com os livros quanto com os leitores em potencial, cabendo a ele organizar o acervo, proporcionar o contato entre ambos, e incentivar a leitura sem excluir, censurar ou privilegiar determinado tipo de leitura (RIBEIRO, 1994).

O acervo da biblioteca escolar deve ser composto de textos que interessem aos estudantes e contribuam na formação cultural e social do indivíduo. O livro infantil e a literatura infanto-juvenil constituem importante recurso para o fomento da leitura, por aproximar o aluno do texto e facilitar a relação entre eles. De acordo com Bicheri e Almeida Júnior (2013, p.51), “é importante indicar textos que respeitem a necessidade de fantasia e imaginação da criança”.

Andrade (2005, p.57) atenta que a aprendizagem das competências linguísticas básicas (falar, escutar, ler e escrever) da educação infantil acontece com base no texto, na leitura e na escuta de histórias. Faz-se necessária a utilização de textos bem selecionados, criativos, ricos e com ilustrações de qualidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação, elaborado pela Secretária de Educação do Ministério da Educação, em 1998, é um documento importante que contém diretrizes relevantes para educadores que trabalham com crianças nas idades de zero a seis. De acordo com Andrade (2005), esse documento aponta formas de construção da identidade e da autonomia das crianças pequenas, da aproximação com as diferentes linguagens, propiciando relações com os objetos de conhecimento.

A partir desse documento, pode-se fundamentar as atividades e os critérios para a escolha de suportes informacionais utilizados na biblioteca para auxiliar na educação desses alunos, com a utilização de diversos gêneros literários (narrativo, épico, lírico, dramático e outros) e materiais variados (jornais, revistas, enciclopédias, dicionários, almanaques, entre outros) (BATISTA, 2009).

Quanto aos locais de seleção dos livros de literatura infantil, o bibliotecário pode usar catálogos de editoras, suplementos literários dos jornais e revistas e internet. Caldin (2001) listou os aliados do bibliotecário na seleção de livros infantis: concursos literários nacionais e internacionais, feiras nacionais e internacionais, catálogos de autores, crítica literária de teóricos da literatura infantil.

Ainda segundo essa autora, alguns prêmios de obras inéditas, inscritas sob pseudônimo como o *Prêmio João de Barro*, promovido pela Prefeitura Nacional de Belo

Horizonte; o *Prêmio Minas de Cultura*, o prêmio de concursos de histórias Infantis do Paraná. Em relação às obras já publicadas, há o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; o Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Prêmio Nestlé, entre outros. (CUNHA, 1998, p.51). Esses prêmios servem como parâmetros na seleção dos livros.

As feiras nacionais e internacionais e os catálogos de autores, a citar o *The Brazilian Book Magazine*, organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. Este catálogo contém a seleção dos melhores livros produzidos no Brasil, divididos em seis categorias: criança, jovem, imagem, poesia, informativo e traduções. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil é uma entidade sem fins lucrativos, criada com o objetivo de estimular o prazer pela leitura e incrementar a produção literária de qualidade (CALDIN, 2011, p.12).

A seleção dos contos de fadas deve privilegiar os com finais felizes, “pois é preciso que o inconsciente lute, enfrente os obstáculos e para vencê-los deve cumprir o ciclo: medo, luta, vitória, problema e a busca de solução” (PAVONI, 1989, p.53).

3.5 Formação do bibliotecário para a hora do conto

O bibliotecário escolar é o responsável pelo funcionamento da biblioteca escolar e pela integração desse ambiente à escola. A função educativa desse profissional não é limitada somente ao ensino dos conteúdos e técnicas por englobar também a formação de hábitos de leitura e de atitudes do aluno. De acordo com Barros (1986 apud Bicheri e Almeida Jr., 2013, p.44), é esperado que o bibliotecário tenha competência técnica, não seja passivo no trabalho, assuma postura política, acumule cultura, exerça a autocrítica, não seja mero guardião de livros e respeite o leitor, muito mais carente de saber do que de técnicas.

Cabe a esse profissional, portanto, atuar de forma ativa como mediador no processo da aprendizagem. A ação como mediador deve favorecer não apenas a seleção, a organização, a disponibilização do acervo/informações, mas também a intervenção nas práticas de leitura no ambiente que atua, contribuindo na formação de leitores. De acordo com Alfaro (2009), o bibliotecário tem dupla missão: promover a leitura e, ao mesmo tempo, ser aliado do professor em relação às competências de leitura, considerando nos projetos de leituras, a promoção de estratégias de compreensão leitora.

O profissional da biblioteca escolar deve participar das reuniões de professores e interagir com eles, a partir de dinâmicas de sala de aula. Por tudo isso, a biblioteca escolar deve ser considerada nas dimensões social (espaço democrático onde se aprende a conviver e a trabalhar em grupos; informativa (o acervo atualizado deve ser constituído por livros, jornais, revistas, recortes, folhetos, gravuras, jogos, transparências, vídeos, CDs, filmes, mapas, brinquedos, etc); pedagógica (ação conjunta entre bibliotecário escolar e professores); recreativa (favorecer situações de leitura verbal e não-verbal para os alunos, bem como atender as necessidades dos professores, funcionários e comunidade escolar); criativa (contribuir para a descoberta de talentos nas áreas das artes plásticas, teatro, música e literatura). Essas dimensões compõem o universo da biblioteca escolar e são atribuições do profissional responsável (ELY, 2004).

O bibliotecário deve atuar junto ao professor, de forma integrada e cooperativa, na educação do aluno, e com ações facilitadoras da relação entre os alunos, o leitor e o texto. É responsabilidade do bibliotecário conhecer os processos de ensino, o projeto pedagógico da instituição, da cultura e da sociedade e a comunidade escolar, pois é a ela que seus projetos se desenvolvem. De acordo com Vidal (2000), os bibliotecários devem empreender esforços, em conjunto com as escolas e professores, no sentido de desenvolver projetos para promover o aprendizado do conhecimento.

O trabalho do bibliotecário não se restringe à organização do acervo e à mediação do processo de ensino-aprendizagem. O bibliotecário pode agir como agente cultural, sendo

responsável pela promoção de ações culturais e associando os conhecimentos da área de biblioteconomia aos conhecimentos de cultura. De acordo com Oliveira (2010, p.125) o profissional da informação, ao agir como agente cultural precisa “ser proativo, lidar com imprevistos, ter criatividade, cultura geral, sensibilidade, trabalhar com profissionais de outras áreas, buscar parceiros, ter uma equipe envolvida e altamente comprometida”.

Melo e Veira (2012) apresentam as características que o profissional da informação precisa para atuar como agente cultural:

- 1) Cabe ao gestor cultural, buscar, gerenciar e implantar projetos culturais, e após sua implantação delegar tarefas e responsabilidades para sua melhor realização, além de ajudar na formação de agentes culturais.
- 2) O Agente Cultural deve agir como um bom exemplo a ser seguido pelos demais, deve ser o que se envolve, participa de todas as etapas na realização dos projetos, o criador e a criatura, enfim, o que ocupa a função fundamental para a elaboração da ação.
- 3) Cabe ainda ao gestor cultural a escolha do Coprodutor cultural, pessoa competente que o irá auxiliar na busca por resultados das ações desenvolvidas pelos membros das comunidades e instituições, é um coadjuvante na elaboração mas não menos importante que o gestor. (MELO E VIEIRA, 2012, p.20)

A hora do conto é uma atividade cultural que propulsiona o gosto pela leitura e depende do bibliotecário como gestor cultural e guia. Polke (1973, p.70-71), menciona que é extraordinário planejar atividades e programas de leitura, por parte do professor e do bibliotecário, sendo igualmente necessárias “criatividade e imaginação” de ambos, para “contribuir na formação desse hábito”.

O bibliotecário, quando gestor cultural da atividade de hora do conto, segundo Eduvirges (2012, p.32)

é responsável por narrar as histórias com muito entusiasmo e dedicação, sabendo se colocar com cada personagem da história, pode utilizar gestos para fazer a dramatização e usar outros recursos que podem facilitar a contação das histórias com fantoches, bonecos, figuras e sons.

A atividade deve ser pensada como ação do bibliotecário em conjunto com o professor para haver coerência com o que foi ensinado em sala de aula e, portanto, ser uma extensão desta. Pode ser realizada acompanhada de recursos como músicas, artes, teatro, brincadeiras que chamem atenção dos alunos e incentive a participação destes.

De acordo com Eduvirges (2012, p.33),

A grande importância da leitura de histórias para as crianças decorre porque é uma atividade que envolve não só a leitura, mas a linguagem, a expressão, o raciocínio, os movimentos com o corpo e a criatividade do contador, pois existem várias maneiras para se ler uma história e isso depende da imaginação de cada um.

O bibliotecário deve usar sua criatividade para manter os estudantes interessados e atentos e incentivar a participação deles na atividade, de forma que se vejam como produtores dos próprios significados relativos àquilo que lhes é contado. Os estudantes

devem valorizar o que compreendem da história ouvida e atribuir significações próprias, ao invés de concordar com a visão pré-estabelecida das histórias.

3.6 Educação infantil

A existência da fase do desenvolvimento denominada “infância”, reconhecida como um grupo social dotado de especificidades próprias é uma construção social. É um conceito que “se constitui e se transforma de acordo com as condições, exigências sociais e está em constante movimento, variando de acordo com a cultura, etnia, gênero, faixa etária e classe social na qual a criança está inserida” (FERREIRA; MELO; ROSA, 2003, p.2). Segundo Papalia et al (2006, p.38),

a divisão do ciclo de vida em períodos é uma construção social, ou seja, é uma invenção de determinada cultura ou sociedade e não há momento objetivamente definível em que uma criança se torna adulta (PAPALIA et al., 2006, p.38).

Antigamente, no período medieval, as crianças não vivenciavam o período considerado como infância hoje e viviam uma existência indiferenciada aos adultos. De acordo com Ariès (1981),

na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 1981, p.156).

As vivências das crianças eram, portanto, as mesmas dos adultos o que as levavam a vivenciar assuntos sexuais, os lazeres regados à bebida e erotização, os atos violentos, entre outros acontecimentos do mundo adulto. Não havia a proteção da infância e elas eram consideradas seres sem valor por não terem capacidade de assumir cargos na sociedade e equiparadas a outros indivíduos excluídos socialmente (ARIÈS, 1981). A fase da infância era vivida como um “estado a ser suportado, ao invés de desfrutado”. (TUCKER, 1982 apud WEINMANN, 2008, p.27)

Ainda segundo Ariès (1981), foi a partir do século XVI, no momento que um movimento de educadores fez prevalecer o ponto de vista que crianças não deviam ter acesso a livros de conteúdo duvidoso, que surgiu o respeito pela infância, organizado em torno da inocência infantil.

No século XVII ocorreu uma reforma moralizadora que alterou as mentalidades e os costumes tornando a infância alvo de uma sacralização religiosa. Ao mesmo tempo desenvolve-se outro sentimento de infância surgido entre educadores e moralistas, “que preconizam a necessidade de se submeter à infância a um regime disciplinar severo, a fim de formar sujeitos racionais” (WEINMAN, 2008, p.27). Surge, nesse momento, a educação das crianças, como forma de disciplinar a sociedade, marcando o prolongamento da infância

e a divisão entre crianças e adultos. Entretanto, a criança ainda era vista como mero destinatário passivo de ações adultas ou de intervenções institucionais por serem figuras frágeis, dependentes.

A concepção de infância tem sido apropriada e deformada com várias implicações no decorrer da história, tornando a infância algo coisificado que vai sendo adaptado segundo as necessidades sociais adultas, o que não significa, necessariamente, seu total resguardo. Compreender as crianças como sujeitos ativos de direito suscita respeito à identidade singular de cada uma dessas crianças e ao crescimento saudável, favorecendo o desenvolvimento de suas potencialidades, que está relacionado à educação (ARIÈS, 1981; POSTMAN, 2002; WEINMANN, 2008).

A educação infantil surge como assistência à infância e à família e ocorre a partir da metade do século XIX, em virtude do trabalho industrial feminino. As primeiras instituições que surgem tem caráter assistencialista.

No Brasil, as décadas de 80 e de 90 foram marcadas por diversas mobilizações que tornaram a educação infantil e a infância objeto de disputa política. De acordo com Horn (2007), há um novo ordenamento legal iniciado com a Constituição Federal de 1988, que se desmembra através do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), pela lei orgânica da Assistência Social (1993) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996). Esses documentos legais garantiram um novo status à criança, garantindo-lhe direitos e tratamento de cidadã.

A promulgação da Constituição Federal de 1988 garantiu o direito à educação infantil também às crianças de até seis anos de idade e essa conquista foi também regulamentada pelo documento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. O Ministério da Educação (MEC) explicitou, em 1994, o posicionamento no documento Política Nacional de Educação Infantil, defendendo:

A expansão da oferta de vagas para crianças de 0 a 6 anos; o fortalecimento da concepção de educação e de cuidado como aspectos indissociáveis das ações dirigidas às crianças; e a promoção da melhoria da qualidade do atendimento em creches e pré-escolas. (BRASIL, 1994, p.10).

A publicação da Nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (Lei 9.394/96) identificou a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica e foi, no ano de 2013, modificada pela Lei 12.796/13. O artigo 29 da nova Lei reitera a importância da educação infantil como primeira fase da educação básica e essencial ao desenvolvimento da criança em seus “aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL. Lei 12.796 , 2013, art. 29).

A Educação Básica do sistema educacional brasileiro é composta por três fases: a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Segundo Amaral (2008, p.167), o espaço da escola

surge como espaço apropriado para socialização dos saberes e formação do cidadão através de inovação pedagógica e implantação de procedimentos e tecnologias apropriadas. Sendo assim, a escola, cuja responsabilidade social é decisiva para o exercício da cidadania, deve propiciar condições para que a aprendizagem se efetive, criando situações significativas para universalização e acesso ao saber (AMARAL, 2008, p. 167).

Ainda no âmbito legal, a Secretaria de Educação do Ministério da Educação elaborou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil que contém diretrizes relevantes para educadores que trabalham com crianças nessa faixa etária. Andrade (2005), aponta formas de construção da identidade e da autonomia das crianças a, de sua aproximação com as diferentes linguagens, propiciando relações com os objetos do conhecimento.

A educação infantil deve ser considerada como espaço de vivência da infância. De acordo com Martins (2007), a educação infantil precisa ser intencionalmente um ambiente de cuidados e educação, para isso, planejada de maneira sistemática e metódica reconhecendo a criança como sujeito de direito, historicamente situado no meio que vive e constrói as relações.

O processo de educar na primeira infância deve respeitar identidades singulares de cada criança, pois elas estão sujeitas a diversos contextos históricos culturais que interferem no desenvolvimento e na construção da personalidade. Este fato implica que as crianças não podem ser categorizadas e generalizadas em uma única categoria, porque não vivem infâncias iguais e são sujeitos singulares.

A ideia de educação infantil está associada às diferentes dimensões do desenvolvimento humano (social, afetiva, cognitiva, etc.) que ocorre em contextos impregnados de diversos significados. Estes são histórica e culturalmente construídos, criados e transformados em cada contexto educacional específico, interagindo com os significados advindos da experiência da criança na família e demais contextos nos quais a criança se desenvolve (BRONFENBRENNER, 1989).

Faz-se necessário compreender que a criança não é mero receptor de imagens criadas pela sociedade de consumo, mas um ser ativo no processo de construção do conhecimento. De acordo com Moura (2009):

Cabe à educação infantil considerar a criança como sujeito de direitos, oferecendo-lhe condições materiais, pedagógicas, culturais e de saúde. De modo que cresça, aprenda, e se desenvolva em uma ação educativa complementar àquela desenvolvida pela família. (MOURA, 2009, p.30).

3.7 Aprendizagem de valores sociais

As pessoas encontram-se em interação com o grupo e se relacionam nos espaços através de relações de interdependência. Compartilham contextos produtores de significado, sendo influenciadas a construir os significados singulares (MARTINS; BRANCO, 2001). Para Elias (1994 apud Pooli e Costa, s.d., p.8), os sujeitos constroem

as circunstâncias imersos em uma diversidade de culturas que estão carregadas de processos educacionais impositivos transmitidos, entre outros, pela linguagem, pelos símbolos e representações, pela memória coletiva e por todas as instituições que mantêm essas estruturas organizadas e burocratizadas. (ELIAS, 1994 apud Pooli e Costa, s.d., p. 8).

A construção de significados se inicia na infância e se desenvolve ao longo da vida e cultura é um dos elementos que constitui o desenvolvimento humano. Na cultura, a pessoa sintetiza diferentes influências do seu contexto e as ressignifica. Para Valsiner (2000 apud Queiroz; Maciel; Branco, 2006, p.174), a cultura refere-se à organização estrutural de normas sociais, valores, regras de conduta e sistemas de significados compartilhados pelas pessoas que pertencem a certo grupo com uma história de convivência e relações de pertencimento. Para ele, a cultura tem duas faces: a) como entidade coletiva (significados compartilhados); b) como entidade pessoal (significados pessoais).

A cultura como entidade coletiva é aprendida pelos indivíduos nos diversos ambientes e nas diferentes interações com os outros indivíduos. O processo de socialização é formado por instâncias como a família, a escola, os grupos sociais, os meios de comunicação. “Cada classe social tem um sistema de significação cultural próprio e singular que é relacionado às práticas típicas do grupo” (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p.173) e cada pessoa, ao entrar em contato com esses sistemas, os significa de acordo com a sua própria visão de mundo (BRANCO, DANTAS, 1997; MARTINS, BRANCO, 2001; VALSINER, 1994).

As relações sociais implicam formas de convivência e atitudes. De acordo com Gutiérrez Sanmartín (2005, p.51), “quando os indivíduos se relacionam com o meio em no qual se desenvolvem, as coisas, as pessoas e as situações não lhes são indiferentes – isto é, preferem umas as outras, a cada uma delas atribuem maior ou menor grau de importância (valor)”. Ainda segundo esse autor, “é principalmente ao longo da infância e durante a adolescência que as crianças e os jovens consolidam o esquema fundamental de valores” (GUTIÉRREZ SANMARTÍN, 2005, p.51).

Os valores sociais são princípios que guiam e orientam as relações humanas nas motivações de atitudes de convívio com a sociedade. A aquisição de valores é um processo contínuo e inerente ao desenvolvimento e à evolução do ser humano, segundo autoras

como Branco, Maciel e Queiroz (2006). De acordo com Rokeach (1973 apud Lins, 2010, p.17), os valores são crenças hierárquicas prescritivas baseadas nas necessidades individuais, que foram interiorizadas pelo indivíduo por meio da socialização, e que indicam o que é adequado ou não realizar em determinada situação.

Schwartz (2010) define os valores como guias para a seleção e avaliação de ações, situações e pessoas. É a partir dos valores que são criados padrões ou normas de conduta. Sendo assim, ao longo da vida de um indivíduo, os valores do meio são incorporados de forma a delimitar o próprio comportamento.

O conhecimento dos valores não é atribuição apenas do indivíduo, porém, tampouco a emergência dos valores se limita à uma criação do coletivo. Muito pelo contrário, a realização material dos valores apresenta uma relação mútua com as formações sociais” (SCHELER, 2008 apud RENGIFO HERRERA, 2014, p.8).

Faz-se necessário lembrar que os valores são hábitos e os hábitos são atitudes que são aprendidas na infância. Os hábitos podem ser conceituados como ações que se repetem com frequência e são disposições adquiridas na infância, enquanto as atitudes são definidas como avaliações com valor favorável ou desfavorável em relação a algo ou alguma coisa. (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 1999). Dessa forma, os valores são como instrumentos de regulação da ação.

A abordagem sociocultural construtivista explica os valores enfatizando as interações sociais como base fundamental para o desenvolvimento humano. Essa abordagem tem base na visão da sociogênese do desenvolvimento, proposta por Vygotsky (1998), a qual busca explicar a dimensão do contexto cultural no desenvolvimento humano. De acordo com Valsiner (1998), a pessoa assume papel ativo no próprio desenvolvimento da subjetividade por meio do modelo de transmissão bidirecional da cultura. Ao entrar em contato com as mensagens culturais, a pessoa as reinterpreta de acordo com a visão de mundo e cria um sentido próprio e singular diante do significado compartilhado, por meio de uma relação dialética entre processos de canalização cultural e de produção da pessoa.

O processo de internalização dos conteúdos culturais e a externalização dos processos psicológicos internos conduzem a construção da cultura pessoal, que é guiada pela cultura coletiva, e permite que cada pessoa reconstrua os significados e externalize-os agindo de acordo com suas próprias orientações. Esses processos de internalização são guiados por “fatores motivacionais e afetivos que selecionam e priorizam determinados objetivos, atribuindo-lhes significado próprio a partir de um amplo universo de possibilidades” (PALMIERI; BRANCO, 2004, p.195).

A constituição dialética entre a cultura e a subjetividade é influenciada pela afetividade. A motivação é “um sistema que integra afeto e cognição de forma complexa e dinâmica” (BRANCO, 2006, p.145), no contexto das práticas socioculturais, e passa a gerar

práticas que podem favorecer ou não a co-construção de crenças e valores específicos (BRANCO, 2006, p.143). Para Valsiner et al. (1997, apud Vieira e Branco, 2010), a motivação social trata-se de referencia a “um sistema aberto de orientações para crenças, valores e objetivos que levam às ações da pessoa em determinados contextos sócio-histórico-culturais”. O sistema motivacional é constantemente construído e reconstruído por cada pessoa de forma singular e subjetiva, em função dos determinados objetivos, crenças ou valores que a pessoa visa atingir em cada momento.

As crenças impregnadas de afeto e emoção são caracterizadas como valores. De acordo com Pires e Branco (2006, p.417), “a internalização de crenças e valores se torna fundamental para a expressão dos indivíduos por meio das práticas culturais”. Cada pessoa se encontra constitutiva de uma cultura coletiva, cujos conteúdos se sustentam em bases históricas e afetivas, em termos de valores, padrões típicos de relacionamento e referenciais interpretativos. Os valores são significações co-construídas que definem a dimensão moral humana nas interações sociais e constroem a identidade da pessoa. Tem aspectos emocionais e, conforme afirmado por Valsiner (2005 apud Branco, 2006, p.145) “são dotados de um núcleo afetivo que tem importante função de organização semiótica na constituição do self dialógico” e tendem a orientar e promover comportamentos e interações específicos ao longo do processo de socialização.

A escola é uma das instâncias que promove a socialização dos indivíduos, pois a educação é uma prática que ocorre em meios sociais e busca propiciar o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural do grupo. Libâneo (2001, p.8) conceitua educação como uma “prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena”.

Cabe também ao sistema de ensino, no processo de socialização, a tarefa de formar o cidadão para plena atuação e intervenção na vida pública. O que inclui o acesso à conhecimentos, ideias, habilidades e a formação de atitudes, de interesses e de pautas de comportamento. É necessário incentivar, além dos conteúdos conceituais (que inclui o saber), os conteúdos procedimentais (que inclui o saber fazer) e os conteúdos atitudinais (ser), como o diálogo, o respeito mútuo, a solidariedade e um objetivo comum nas inter-relações; ou seja, nas relações entre os alunos. Os conteúdos atitudinais costumam ficar em terceiro plano e quase nunca são contemplados (BARROSO; DARIDO, 2009).

As crianças aprendem valores ao interagirem com outros indivíduos. A brincadeira é um fato social, em que a criança incorpora valores na interação com outros indivíduos e, assim, compreende e insere-se em um grupo para construir a autonomia e transformar significativamente a consciência, pois além de reproduzir, a brincadeira é recriada a partir do que a criança traz de novo, com o poder de imaginar, reinventar e produzir cultura (BORBA,

2007). A necessidade de desenvolver as motivações sociais e valores cabe ao educador, por ter contato frequente com os alunos e estabelecer com eles, vínculo afetivo em que serve de referência. De acordo com Bracht (1992, p.74) “o educador na sua prática, quer queira ou não é um veiculador de valores”.

Os padrões de interdependência social que consistem nas formas de interação guiadas por crenças e valores dos indivíduos nos grupos dependem dos contextos em que são estabelecidos e formados. Staub (1989) propõe que as crenças e os valores sociais seriam parte de um sistema mais amplo da motivação, relacionados ao bem-estar social.

Os comportamentos que representam ajuda ou benefício dirigidos a outros indivíduos ou grupos, de forma voluntária e definidos em termos de consequências positivas são definidos como pró-sociais (EISENBERG, 1982; 1992; EISENBERG & MILLER, 1987; STAUB, 1978). A análise de Palmieri e Branco, (2004) conclui que:

Os comportamentos anti-sociais incluem ações ou atividades consideradas como socialmente negativas, voltadas à destruição ou ao prejuízo de outras pessoas, e relacionadas a comportamentos egoístas, competitivos, hostis e agressivos (PALMIERI; BRANCO, 2004, p.190).

Atualmente, no contexto escolar, há a emergência de uma qualificação das práticas educativas que define a educação eficiente, que atinge os objetivos de aprendizado dos alunos como “educação de qualidade”. Essa educação “de qualidade” vem sendo relacionada como referência à qualidade total, de base empresarial, em que a lógica de mercado aponta para ideias como a satisfação do cliente, a produtividade, a eficiência, a liderança, a competitividade, entre outras. Ao priorizar as virtudes intelectuais, a competição entre os indivíduos e seus resultados escolares é incentivada, o que amplia a desigualdade social nas escolas. Apesar dessa conceituação, a educação “de qualidade” pode ser definida também baseada em virtudes sociais, como a qualidade de vida associada ao direito de todos, a uma vida digna e não apenas à privilégio de alguns (BOGARIM, 2012).

Essas práticas costumam priorizar as virtudes intelectuais em detrimento das virtudes sociais. As virtudes são definidas como qualidades, que por tocar a excelência, merecem a admiração por parte do outro. Os indivíduos crescem em instituições que incentivam a competição e não motivam os alunos a se unirem em prol de um objetivo em comum. Para Edwards (1991 apud Palmieri e Branco, 2004, p.190), a cooperação e a competição constituem aspectos de um mesmo fenômeno relacional, a depender do contexto e do valor adaptativo de cada ação. Ainda segundo Branco e Salomão (2001),

A cooperação é um caso especial de convergência, em que o objetivo é o mesmo e as ações conjuntas irão beneficiar ambos no alcance do objetivo. No caso da divergência, existe uma incompatibilidade, pois o objetivo de um exclui ou dificulta o alcance do objetivo do outro. (BRANCO; SALOMÃO, 2001)

Os contextos sociais contemporâneos seguem um padrão que incentiva valores orientados para a competição e para o individualismo, sem haver respeito aos direitos humanos e incentivando relações em que há os opressores e os oprimidos. De acordo com Kohn (1996, apud Manzini e Branco, 2012),

A competição como fator de motivação da aprendizagem e o individualismo como sinônimo de autonomia são crenças marcantes em nossa sociedade, apesar de estudos e pesquisas apontarem para o quanto são equivocadas. (KOHN, 1996, apud Manzini e Branco, 2012).

Os contextos cooperativos e competitivos “podem ser estruturados dentro de um único contexto complexo, que organiza diferentes situações de relacionamento entre os indivíduos” (DEUTSCH, 1949 apud PALMIERI e BRANCO, 2004). As relações, dessa forma, não podem ser necessariamente competitivas ou cooperativas, mas estão em consonância com diferentes perspectivas e diferentes contextos sociais.

Palmieri e Branco (2004, p.191) ressaltam a relevância da motivação social devido suas consequências sociais na relação dinâmica, existente entre o sujeito e a cultura:

Parte-se da premissa de que o universo motivacional do sujeito envolve crenças, valores e orientações para objetivo que sustentam as ações nas interações com outras pessoas. Dependendo da disposição motivacional do sujeito e do contexto em que se insere, a probabilidade de ações cooperativas, competitivas e/ou individualistas se altera de forma significativa” (PALMIERI; BRANCO, 2004, p.191).

Faz-se necessário repensar as práticas educacionais vigentes e promover uma conscientização do indivíduo como cidadão que está sendo preparado para o mundo, incentivando valores que o posicionem de forma empática com os outros indivíduos. A educação precisa repensar formas de educar que ensine que o que importa é se importar com o outro e não ser melhor que ele.

4 Metodologia

O estudo apresentado é caracterizado metodologicamente como qualitativo por considerar que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito e, no caso, visar compreender como a ação do bibliotecário, mediada pela contação de histórias, através do uso dos contos de fadas, influencia na aprendizagem cultural dos valores sociais das crianças da educação infantil, no espaço da biblioteca escolar. De acordo com Denzin e Lincoln (2000), a investigação científica de natureza qualitativa é uma atividade que situa o pesquisador no mundo do indivíduo, tornando o mundo visível e o transformando, a partir de suas interpretações, práticas e materiais.

O investigador se interessa pela compreensão do significado que os profissionais atribuem à experiência que vivenciam na atividade de hora do conto, ao incentivar a aprendizagem dos valores, sendo considerada a experiência dos profissionais bibliotecário, psicólogo e pedagogo na interação com as crianças do ensino fundamental.

A pesquisa é exploratória, do ponto de vista dos objetivos, por visar esclarecer conceitos e ideias sobre a influência que o bibliotecário tem no hábito de leitura e, portanto, na sociogênese e afetividade dos valores sociais na infância, proporcionando visão mais ampla de como esses sentidos singulares são co-construídos. De acordo com Gonsalves (2007), um estudo exploratório caracteriza-se por esclarecer ideias e apresentar visão mais geral sobre um dado fenômeno. Uma de suas contribuições é servir de base para outras pesquisas que desenvolvam o tema com mais profundidade.

Para o presente estudo foram selecionados dois bibliotecários que atuam em uma biblioteca escolar que realiza a atividade de hora do conto, dois pedagogos atuantes na educação infantil e dois psicólogos infantis. O processo de construção dos dados da pesquisa ocorreu em duas fases, em que cada uma das fases se utilizou de um instrumento de coleta de dados. Na primeira fase foi utilizada a análise documental, na segunda foram entrevistas semiestruturadas. Durante a segunda fase, foi utilizado um gravador. Os dados foram transcritos e analisados.

A primeira fase da pesquisa consistiu na construção de dados pela análise documental. A análise de documentos tem como objetivo a compreensão dos assuntos previamente estudados, como forma de contextualizar os objetivos previstos e criar uma base de estudo pertinente ao desenvolvimento da pesquisa. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009),

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar

tendências e na medida do possível fazer a inferência. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.10).

A segunda fase do estudo foi a aplicação da entrevista semiestruturada aos bibliotecários, pedagogos e psicólogos, visando compreender de que forma esses profissionais contribuem na mediação da aprendizagem dos valores sociais, no contexto da hora do conto e quais os valores relevantes na construção de uma sociedade. Branco e Valsiner (1997) ressaltam o contexto interativo da entrevista como momento em que entrevistador e entrevistado coconstruem ativamente os significados, guiados pelos limites sociais, perspectivas e interpretações dos eventos que ocorrem durante a entrevista. A aplicação da atividade hora do conto nesta pesquisa propõe o bibliotecário como co-construtor e não apenas como aplicador da atividade. A atividade cultural foi discutida com os profissionais de forma a discutir estratégias e aprimorá-las.

5 Apresentação e Análise dos Resultados

O presente capítulo trata da análise dos dados e discussão dos resultados coletados a partir da análise documental e da entrevista semiestruturada. O capítulo está dividido em quatro partes. A primeira trata da descrição das profissionais entrevistadas; a segunda aborda as características da aprendizagem de valores sociais; a terceira explica sobre estratégias de contação de histórias e a quarta aponta possibilidades de critérios na seleção dos contos de fadas.

As entrevistas semiestruturadas foram compostas por oito questões abertas, dispostas no **APÊNDICE B**, a partir do consentimento das entrevistadas, através de adesão ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado no **APÊNDICE A**. Foram realizadas no período de 27 de outubro a 10 de novembro a seis profissionais: duas bibliotecárias escolares, duas coordenadoras pedagógicas, uma psicóloga e uma professora de português. Essas profissionais trabalham com crianças da faixa etária dos seis a sete anos. Não foi possível entrevistar uma das duas psicólogas, conforme proposto na metodologia, por falta de disponibilidade de horário da mesma em conceder a entrevista. Em relação ao tempo das entrevistas, em geral, a média de duração foi de 15 minutos cada.

A entrevista semiestruturada foi dividida em duas partes: 1) Dados e informações relevantes sobre o profissional e 2) Questões sobre a infância e a prática profissional. O primeiro bloco de questões visou caracterizar os profissionais entrevistados por meio de duas questões: a primeira identificou a formação acadêmica, e a segunda, o tempo de experiência no trabalho com crianças. O segundo bloco de questões é relacionado às questões sobre a prática profissional na fase do desenvolvimento da criança, especificamente sobre sua influência no aprendizado de valores sociais, mediada pela contação de histórias usando os contos de fadas. A segunda parte da entrevista foi composta por seis questões.

A partir da entrevista, foram obtidos dados sobre a formação das entrevistadas, sobre a experiência de trabalhar com crianças, sobre a importância do hábito de leitura na infância, sobre a influência do educador na aprendizagem dos valores sociais, sobre a atividade de hora do conto e as estratégias utilizadas pelo educador para estimular os valores sociais e sobre a seleção dos contos de fadas.

5.1 Caracterização das participantes

Foram selecionadas duas bibliotecárias, duas coordenadoras pedagógicas, uma psicóloga e uma professora formada em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua (Licenciatura). Por se tratar de uma pesquisa de curto prazo, as profissionais foram analisadas em relação ao tempo de formação e pela experiência com crianças.

Dentre as bibliotecárias entrevistadas, uma graduou-se em Biblioteconomia no ano de 2003, sendo formada há 12 (doze) anos, dos quais trabalhou com crianças por quatro anos. A outra graduou-se há três anos e trabalha com crianças há, também, três anos.

A professora contadora de histórias entrevistada é graduada em Letras – Português como Segunda Língua (Licenciatura) pela Universidade de Brasília, no ano de 2014, e trabalha com crianças há um ano e seis meses.

Dentre as pedagogas entrevistadas, ambas se graduaram também em psicopedagogia. Uma graduou-se em pedagogia no ano de 1985 e é formada há 30 anos, e a outra graduou-se no ano de 1989, e é formada há 26 anos. A primeira trabalha com crianças há 35 anos e a segunda há 27 anos. das profissionais da educação

A psicóloga entrevistada graduou-se no ano de 1995 e é formada, também, em psicanálise pela Sociedade Brasileira de Psicanálise. Trabalha com crianças de todas as idades há 19 anos.

Quadro I – Caracterização dos participantes

Participante	Formação acadêmica	Tempo de formação	Tempo de experiência com crianças
A	Biblioteconomia	12 anos	4 anos
B	Pedagogia e psicopedagoga	30 anos	35 anos
C	Biblioteconomia	4 anos	3 anos
D	Português brasileiro como segunda língua	1 ano e meio	1 ano e meio

E	Pedagogia e psicopegagoga	26 anos	27 anos
F	Psicologia e psicanálise	20 anos	19 anos

Fonte: elaboração própria

5.2 Características de aprendizagem de valores sociais em crianças de 6 a 7 anos

A pesquisa buscou identificar quais são as características da aprendizagem dos valores sociais nas crianças de 6 a 7 anos. A primeira questão do segundo bloco de questões da entrevista semiestruturada consistiu em solicitar aos entrevistados que respondessem, de acordo com conhecimentos previamente estudados e vivenciados, qual a influência que os profissionais da educação tem na aprendizagem de valores sociais das crianças na idade dos 6 e 7 anos.

Segundo as entrevistadas A, B, C, D a aprendizagem dos valores sociais acontece no âmbito escolar e no familiar. O âmbito escolar se torna necessário como complemento ao âmbito familiar, cabendo aos profissionais que trabalham na escola reforçar a educação e os aprendizados. Entretanto, não cabe à escola assumir a responsabilidade de único espaço no qual a criança é educada. Os dados podem ser verificados:

“Bom, eu acho assim, que a educação de uma criança é dividida entre escola e família. Muita gente diz que os pais estão delegando a educação toda só pra escola, que a escola está com papel excessivo. Acho que é igual esse papel, a escola educa sim.” (ENTREVISTADA A).

“...a fase em que ele começa a ver o outro como um desafio, uma ameaça, pois saem daquele âmbito familiar e começam a vivenciar o meio social.. então passa a viver aqueles conflitos sim, é saudável. A forma como abordar é que torna necessário trazer à criança, de forma que ela possa entender o que ela está fazendo.” (ENTREVISTADA B).

“Eu acho que a gente precisa que os pais comecem a educação das crianças, mas vejo o papel do profissional da educação como muito importante.” (ENTREVISTADA C).

“O profissional da educação é fundamental, às vezes acaba que a gente tem que educar os meninos né... trazer certas coisas que de certa forma não são aprendidas em casa.” (ENTREVISTADA D).

As entrevistadas B e D trabalham em escolas que trabalham os valores em programas específicos que visam a aprendizagem desses. A escola que a entrevistada B trabalha tem como missão ensinar as virtudes aos estudantes desde a Educação Infantil e o faz por meio de um programa que objetiva trazer as virtudes para que os estudantes os vivenciem e os aprendam pela experiência. A entrevistada explicou que o programa é separado por etapas e visa que a criança aprenda a entender o valor, a vivenciar o valor e a colocá-lo em prática.

A entrevistada E, em concordância com o que é dito por Ariès (1981), Postman (2002) e Weinmann (2008) argumentou sobre a necessidade de respeitar a fase do desenvolvimento da infância como valor a ser vivenciado não só pelas crianças, mas também pelos educadores e adultos.

“O primeiro momento que eu vejo nos valores de infância é respeitar a infância. O que a gente tem vivenciado nessa loucura da nossa vida de rotina diária é que os adultos acabam incorporando as crianças na vida adulta, e temos que fazer exatamente o contrário.” (Entrevistada E).

A entrevistada F ressaltou sobre a importância da influência cultural e social na aprendizagem de valores, pois as crianças aprendem por meio do vínculo propiciado pelo contato com outras pessoas.

“Os valores sociais... deixa eu pensar. Eu acredito que no próprio vínculo que ele estabelece com a criança, ele vai passando valores éticos e vai trabalhando questões da vida diária. Eu acho que, no caso, ele dentro de um ambiente escolar que propicie isso também, onde ele tenha alguma liberdade. Porque acredito que ele passe os valores através do vínculo. Tudo depende do vínculo que ele estabelece com a criança, né.. Então eu acredito que é assim. E aí ele vai podendo passar conceitos relacionados a educação.” (ENTREVISTADA F).

A segunda questão visava identificar quais eram os valores sociais importantes de serem aprendidos na infância. Ao serem questionadas, as entrevistadas responderam um valor em comum: respeito ao próximo.

“Então como ser um cidadão honesto, íntegro, não prejudicar as outras pessoas e outros valores como não jogar lixo no chão, parar no semáforo, na faixa, sabe. Tudo isso a escola ensina e os livros ensinam.” (ENTREVISTADA A).

“O respeito, o amor, a tolerância... tudo isso é importante. Mas aqui a gente trabalha a regra de ouro. A regra de ouro diz tudo, porque todas as religiões do mundo dizem a mesma coisa, de formas diferentes, mas, no fundo: não faça ao outro aquilo que não quer que façam com você.” (ENTREVISTADA B).

“Acho que o respeito é primordial, tá na base. Respeito é tão abrangente né? Tem o respeitar as regras da biblioteca, respeitar os pais, respeitar o espaço do colega, respeitar a professora enquanto ela fala, respeitar a contadora de histórias, enquanto ela conta histórias, respeitar o livro que

você tá pegando emprestado. Acho que por isso o respeito está tão na base.” (ENTREVISTADA C).

“Acho que o respeito é o valor que a gente tem que, assim, seguir pra nossa vida toda. Desde pequeno temos que introduzir isso.” (Entrevistada D).

“Na fase infantil, o que eu acho que nós todos enquanto seres humanos, o primeiro valor é o respeito a vida. Seguidamente do respeito ao próximo, saber lidar com as diferenças. Eu acho que hoje em dia o que mais nos deixa angustiados é o conviver.” (ENTREVISTADA E).

“As questões éticas, a consideração pelo outro. As pessoas estão pregando muito o individualismo. Então assim, o filho tem que ser ‘o super’, tem que aprender inglês, francês, tem que ser o melhor em tudo.. Então acredito que a gente tem que estimular as crianças a serem e a gente tá preparando crianças para serem cada vez mais individualistas. Aí a questão do social fica um pouco perdida no meu entender. Acredito que é trabalhar a questão do grupo, a consideração com o outro.” (ENTREVISTADA F).

Foram citados também outros valores como a honestidade, mencionado pelas entrevistadas A e C e a empatia, mencionada pela entrevistada D.

A aprendizagem de valores é influenciada pelo meio cultural e, portanto, pelo meio social. Barroso e Darido (2009) destacam a importância do ensino dos conteúdos atitudinais, que incluem respeito mútuo. As entrevistadas nesse estudo comprovam a importância de ensinar os valores e, principalmente, de ensinar o respeito ao próximo.

Faz-se importante perceber que há preocupação relevante das instituições visitadas em ressaltar o respeito na convivência com o outro, em contraste com o que Kohn (1996) propõe sobre a prevalência da competição como um valor de motivação da aprendizagem.

5.3 Estratégias de contação de histórias e os valores sociais

As questões três, quatro e cinco do segundo bloco das entrevistas semi-estruturadas foram relacionadas à atividade cultural de hora do conto, visando compreender de que forma as estratégias de trabalho utilizadas pelos bibliotecários e demais profissionais da educação podem contribuir na aprendizagem dos valores sociais. Por meio dessa compreensão, visou-se identificar possíveis estratégias positivas para a contação de histórias e quais os principais valores a serem trabalhados com as crianças de 6 e 7 anos

A terceira questão questionou as entrevistadas sobre a forma como os materiais de leitura podem ser utilizados com as crianças para que elas se interessem pelo ato de ler.

As entrevistadas se posicionaram considerando a biblioteca como espaço importante e as atividades realizadas nesse espaço como recursos incentivadores no contato da criança com o livro e no hábito de leitura, que é construído nesse momento. A entrevistada A mencionou aproveitar a curiosidade da criança após a contação de histórias para estimular o contato com os livros.

“Pode ser na contação de histórias, a professora pode contar uma história e o aluno pode se interessar. Nessa escola que eu trabalhei antes, quando eu contava as histórias, era a mesma história a semana toda para todas as turmas. Então eles queriam pegar esse livro emprestado, mas só podiam pegar ele na semana seguinte, porque eu ainda ia utilizar ele pra contar a história nos outros dias. Então é aproveitar esse gancho, avisar eles que a biblioteca tem outros exemplares dele disponíveis para emprestar! Pegar esse gancho” (ENTREVISTADA A).

Conforme Fragoso (2002), a atividade de hora do conto deve ser realizada em um lugar espaçoso, no qual as crianças possam ficar à vontade. A entrevistada C também citou a mudança de ambiente da sala de aula para outro espaço como incentivo.

“Mas acho que só o fato de haver um momento especial de contação de histórias e, não adianta ser só na sala de aula, o fato deles saírem da sala pra um ambiente diferente. Se todas as escolas pudessem ter um projeto pra aproveitar o ambiente... a gente vê tanta diferença aqui. É muito importante ter esse espaço específico pra aula.” (ENTREVISTADA C).

A entrevistada B ressaltou a importância de ter projetos planejados para estimular a competência leitora dessas crianças e de trazer alguma mensagem para as crianças por meio do material de leitura.

“Além disso, eles têm projetos literários iniciados no ensino infantil, pra que eles possam ter esse hábito de leitura. Então o desafio vai no sentido de

que possa trazer uma mensagem para a criança. Na biblioteca, sempre é abordado algum valor, alguma mensagem que possa agregar à vida dela. Se nos baseamos nos livros literários.” (ENTREVISTADA B).

As entrevistadas E, C e F consideram necessário que a aprendizagem do hábito de leitura deve ser vivenciada não só no ambiente escolar, mas em parceria com o ambiente familiar, havendo incentivo de ambas as instâncias de convivência da criança

“A parceria com os pais é bem importante, porque os pais querem que eles leiam e a gente trabalha em conjunto. Da mesma forma que a gente trabalha com os que não tem hábito de leitura, cabe a gente incentivar.” (ENTREVISTADA C).

“Então o que temos que fazer é conscientizar desde a moça que trabalha em casa, o pai, a mãe, a avó e estar sempre falando de leitura e apresentando pra eles a delícia de sentar pra ler o livro. Fora isso, é estímulo todos os dias pra que sintam que a leitura é uma coisa deliciosa, diferentemente do que ficar o dia inteiro sozinho em um tablet. Folhear o livro é importante”. (ENTREVISTADA E).

A entrevistada F mencionou a necessidade de estimular na criança em sua capacidade criadora e incentivar a sua curiosidade em construir histórias e narrativas.

“Então tem que ter algo que interesse a elas, nesse sentido. Construindo histórias com as crianças, elas contando e tentando fazer uma narrativa com elas. Não só leitura de livros, mas elas contarem uma história junto da professora, usando imagens, recortes, desenhos. Quer dizer, elas também sendo estimuladas a fazerem, a criar. Porque também temos muita passividade no processo de educação, se elas forem mais ativas, acho que elas podem se incentivar mais, imagino.” (ENTREVISTADA F).

A questão quatro questionou as entrevistadas sobre a elaboração da atividade de hora do conto, visando identificar estratégias de trabalho na contação de histórias. Dentre os entrevistados, as entrevistadas A, B e F não responderam a essa questão. Embora se proponha que o bibliotecário seja o gestor da atividade de hora do conto, o que foi percebido nas instituições visitadas é que esse papel costuma ser realizado por um professor, sem que haja prejuízos ao objetivo da atividade.

As entrevistadas C, D e E responderam a questão reforçando que a elaboração do plano é realizada em conjunto com o professor de sala de aula, com o que se aprende em sala e em concordância com o espaço da biblioteca. Isso ocorre em consônança com o que é proposto por Fragoso (2002), Vidal (2000), Alfaro (2009) sobre a relação entre a hora do conto e o que se ensina em sala de aula.

“As vezes o professor da sala de aula pede pro tema ser trabalhado, tem o projeto da biblioteca mesmo, eu já organizo semanalmente o tema da aula e seleciono os livros em relação” (ENTREVISTADA C).

“Os professores participam, é uma ação conjunta com a sala de aula e ao mesmo tempo a gente tem um projeto. A gente tenta linkar com o que tá sendo aprendido em sala de aula, com a necessidade deles e as vezes com a nossa também.” (ENTREVISTADA D).

A entrevistada D mencionou que visa trabalhar outros assuntos como datas históricas importantes ou outros assuntos que conscientizem as crianças sobre outros aspectos, além do conteúdo que é dado em sala de aula, agindo também como agente cultural, conforme o que Oliveira (2010) propõe.

“Eu já tô planejando pra semana que vem alguma coisa sobre a consciência negra, apesar de ser uma data do Brasil e ser a semana de inglês... eu tô pensando assim... o que que eu posso fazer e ensinar eles do porque temos que respeitar o próximo, respeitar outra etnia. Ano passado falei do Marthin Luther King, contei a mesma história.. mas pros mais velhos mostrei alguns vídeos. É legal ver o argumento, eles ficam curiosos e querem saber mais. Eles buscam, desperta a curiosidade. A gente as vezes subestima e pensa que eles não vão entender.. a gente se surpreende então” (ENTREVISTADA D)

A questão cinco tratou sobre a postura que o contador de histórias deve adotar na condução da atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos. A entrevistada A não respondeu a essa questão.

As entrevistadas C e D ressaltaram a importância de se utilizar técnicas semelhantes as que as professoras usam na sala de aula para chamar a atenção.

“Tem professora que faz o waterfall e os alunos já sabem que é pra ficar quieto. Tem professora que faz o five, four, até ir abaixando o volume. Acho que a parte mais técnica de fazer os alunos ficarem quietos é essa.” (ENTREVISTADA C).

“Acho também que a parte de silenciar a sala é interessante, porque, por exemplo, se eu estou sozinha tendo que contar a história eu tenho que parar muitas vezes, quando eles estão conversando e isso já tira a atenção deles. Até eu perco a entonação. É um papel conjunto, se conto a história eu preciso da ajuda por exemplo das assistentes, da professora. Às vezes, eles chegam agitados do recreio, da educação física, chegam na “pilha”. As vezes, eu consigo chamar atenção só com a história, mas tem hora que

não dá entendeu? É um trabalho bem em conjunto que tem que desenvolver pra chamar a atenção, até comportamento e participação.” (ENTREVISTADA D).

A entrevistada B enfoca a necessidade de planejamento prévio à atividade de hora do conto como forma de explorar o uso do livro.

“Eu acho que de forma alguma o contador pode contar um livro surpresa, escolhido na hora. Acho que tem que haver conhecimento prévio, a fala tem que encantar a criança, você tem que ter alguns recursos para chamar a atenção também. Saber o timing da criança, não pode ser algo muito longo, pra deixar um suspense depois. Valorizar a imagem, pois hoje a imagem fala muito pelo próprio livro.” (ENTREVISTADA B).

As entrevistadas D e F mencionaram a relevância em se utilizar recursos mais lúdicos com as crianças. A entrevistada D afirma também selecionar histórias de pessoas importantes e histórias que tragam inspiração aos estudantes.

“Eu acho que quando trago uma história mais real pra eles, eu consigo chamar a atenção e ouvir argumentos mais legais. Com os pequenos eu gosto da coisa mais lúdica e eles ficam todos empolgados com a hora de história, é muito fofinho. Escolho algumas coisas mais relacionadas ao ano. Gosto de trazer biografias, coisas que inspiram e eles ficam querendo saber mais sobre a pessoa.” (ENTREVISTADA D).

“Mas é envolver a criança no lúdico, porque não é só contar a história...Tem uma entonação na voz, tem as pessoas que se vestem e se caracterizam. Eu acho assim, tem que ter uma interação.” (ENTREVISTADA F).

As entrevistadas D e E apontam sobre as mudanças de postura que o contador de histórias deve adotar, quando em contato com idades diferentes.

“Acho que o contador de histórias tem que estar muito ligado no interesse daquele grupo de idade diferentemente. A educação infantil ela sempre proporciona que ela esteja fantasiada, o ambiente esteja preparado... Não desrespeitando os maiores. Mas a hora do conto dos maiores é sempre mais interativa, então ela está trabalhando de forma que eles se envolvam mais na hora que ela vai contar a história.” (ENTREVISTADA E).

“Eu gosto de chamar atenção, assim, pra algo, assim, pelo menos para os mais velhos, trazer algo que faça parte da realidade deles e não subestima-los.” (ENTREVISTADA D).

Em consonância com Eduvirges (2012), as entrevistadas destacaram recursos de chamar atenção por meio da fala, do tempo de atenção da criança, de aproveitar a curiosidade que elas apresentam e aproveitar o uso de imagens como recursos.

5.4 Critérios de seleção dos contos de fadas

A leitura desempenha importante papel no desenvolvimento social e os contos de fadas são livros de literatura utilizados como forma de incentivar o imaginário infantil, favorecendo envolvimento emocional das crianças.

A sexta questão da entrevista identificou possíveis critérios de seleção para os contos de fadas, questionando as entrevistadas sobre a forma que elas selecionavam esse tipo de literatura.

A entrevistada A respondeu a questão afirmando realizar, previamente, levantamento bibliográfico com os livros do acervo que tratam o tema procurado. Após o levantamento, a mesma analisa, dentre os livros, o mais indicado ou busca fazer uma adaptação para atingir o objetivo pretendido. No caso de nenhum livro atender essa demanda, ela solicita às editoras, livros que tratem do tema.

As entrevistadas B e C concordaram ao ressaltar que a importância é a mensagem que o livro irá passar e como ele será trabalhado para atingir esse fim. A entrevistada B mencionou, também, selecionar os livros de acordo com a maturidade de quem irá interpretá-lo.

“A forma como você vai explorar o livro é que faz a diferença. Falando em contos de fadas, acho que existe um acervo enorme e nós acabamos ficando sempre com os mesmos. Ano passado trabalhamos esse tema e percebemos que há outros contos, outras formas, de forma a sair da mesmice que a Disney explora. Temos que investigar mais, explorar mais. O livro depende da forma que você aborda, da relação que você faz.” (ENTREVISTADA B).

“Eu acho que o conto de fadas pode ser contado pra qualquer faixa etária. Isso depende do contador de histórias. Então eu sempre brinco com as meninas que, às vezes elas começam a querer selecionar os contos de fadas pra que as crianças não se frustrem, não se desencantem. Eu acho que todo momento existe o aprendizado, então assim, a maneira com que se conta e o objetivo que a professora quer com aquele conto de fadas... ela pode contar em qualquer circunstância.” (ENTREVISTADA E).

A entrevistada C respondeu pesquisar por contos de fadas alternativos como forma de sair do que é comumente conhecido e chamar a atenção das crianças.

“Quando a gente sabe que eles já tem muita convivência, assim de casa, com os contos de fadas comuns, a gente vem com uns alternativos.” (ENTREVISTADA C).

A Entrevistada D mencionou se utilizar da mágica proposta nos contos de fadas como forma de propor algo lúdico que estimule a imaginação e o encanto.

“Eu começo com alguma coisa mais lúdica pra eles, assim, eles gostam muito. Eu começo e eles já vem todo encantados, me vendo vestida de deusa. Eles gostam muito disso, coisas mágicas, imagens que chamam muita atenção. Aí vou aumentando o nível de dificuldade.”
(ENTREVISTADA D).

A Entrevistada F ressaltou a influência dos contos de fadas clássicos no desenvolvimento emocional da criança. Os contos de fadas clássicos, de acordo com a entrevistada, trazem à criança a separação explícita do bem e do mau e afirmou ser necessário que a criança vivencie histórias e conceitos que a ajudem a vivenciar essa cisão. Por meio da vivência desses conceitos antagônicos, a criança experiencia e se identifica com aspectos presentes tanto na personagem que representa o bem, quanto na personagem que representa o mau.

“E a criança, principalmente nessa primeira infância, ela precisa dessa definição: do bom e do mau. Você vê nesses contos de fadas clássicos: a Branca de Neve, ela é muuuito boa e a madrasta é muuuito má. Então eles precisam de histórias e conceitos que ajudem eles a fazer essa cisão entre o bem e o mal, entre o bom e o mau. Porque elas podem, vamos dizer assim, ficar confusas entre o que é bom e o que é mau.” (ENTREVISTADA F).

Pode-se concluir que a seleção dos livros de contos de fadas deve estar em concordância com os objetivos traçados para hora do conto, que depende da faixa etária que irá ouvir a história e da mensagem que será ensinada.

6 Conclusão

A pesquisa teve como objetivo compreender de que forma os profissionais da educação podem utilizar os livros de contos de fadas na atividade de hora do conto. A coleta de dados foi realizada por meio de instrumentos de coleta de dados previamente selecionados, em que foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para compreender a experiência dos profissionais selecionados no trabalho com os livros e com a fase do desenvolvimento da infância.

Baseado no referencial teórico estudado, foram abordados temas relacionados à aprendizagem dos valores sociais, à atividade de hora do conto e à forma como os contos de fadas devem ser selecionados. Esses temas foram abordados em todas as entrevistas e foi possível inferir que a interação que há entre a criança e o profissional da educação exerce influência no processo da aprendizagem dos valores sociais.

Em síntese, a pesquisa proporcionou uma visão maior sobre a interação entre os profissionais da educação e as crianças. Na fundamentação teórica, foi afirmado que a socialização é um processo formado por diversas instâncias do convívio da criança. A educação pode ser compreendida como um processo também formado por tais aspectos, motivando os profissionais da educação a introduzir o tema dos valores sociais, como forma de educar as crianças para o convívio umas com as outras. As entrevistadas afirmam que o respeito ao próximo é um valor social de grande importância a ser ensinado.

Conforme apontado na pesquisa, as coordenadoras pedagógicas e a psicóloga costumam considerar a biblioteca escolar um ambiente essencial na formação dos jovens leitores, juntamente com a leitura em sala de aula e com o incentivo que vem de casa, dos pais.

Foi possível perceber que a forma como as histórias são contadas na hora do conto influenciam a forma como o aluno compreende o livro e aprende novos conteúdos. O planejamento prévio da atividade de hora do conto, em concordância àquilo que é ensinado em sala e proposto pela escola, propicia maior preparo ao profissional contador de histórias e o capacita a chamar maior atenção dos alunos, despertando um ambiente mais propício ao aprendizado.

As profissionais que trabalham em escolas com projetos pedagógicos diferentes, utilizam os livros e a hora do conto em concordância com o que a missão da escola propõe ou em concordância ao que apenas a biblioteca, em si, se propõe. A forma como os contos de fadas são selecionados depende de qual mensagem será ensinada, tornando a escolha dos livros algo subjetivo e que não segue um padrão pré-estabelecido.

Diante da complexidade do tema tratado, muitos aspectos deixaram de ser abordados e merecem maior aprofundamento e estudo.

Referências

- AMARAL, Renilda Gonçalves do. A função da biblioteca pública escolar no contexto da formação integral do educando: estudo de caso. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Biblioteca e educação infantil. In: CAMPELLO, Bernadete. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p. 55-60.
- ALFARO, H. Los bibliotecarios y la formación de lectores. **Investigación Bibliotecológica**. México, v. 23, n. 49, p. 179-196, set./dez., 2009.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto, 1995.
- BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal-DOI: 10.4025/reveducfis.v20i2.3884. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.
- BATISTA, Pollyana da Silva. Biblioteca escolar no Brasil: um estudo sobre vários aspectos. 2009. 122 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- BETTELHEIM, Bruno. 22. Ed. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.
- BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 2, n. 1, 2013.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRANCO, Angela Uchoa; VALSINER, Jaan. Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientations in social interactions. **Psychology & Developing Societies**, v. 9, n. 1, p. 35-64, 1997.

BRANCO, Angela Uchôa; SALOMÃO, S. Cooperação, competição e individualismo: pesquisa e contemporaneidade. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 9, n. 1, p. 11-18, 2001.

BRANCO, Angela Uchoa. Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. **Revista Pro-Posições**, v. 17, n. 1, p. 139-155, 2006.

BRASIL. Lei 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1034524/lei-12796-13>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das crianças de 0 a 6 anos à educação. Brasília, DF, 2004.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, ano IV, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

BRONFENBRENNER, U. Ecological system theory. *Annals of Child Development*, 6, 187-249, 1989.

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

CALDIN, Clarice Fortkamp. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 6, n. 1, p. 111-128, 2001.

_____. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto 10.5007/1518-2924.2002 v7n13p25. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 7, n. 13, p. 25-38, 2002.

CAMPELLO, Bernadete. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v.5, 2003. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/ENAN054.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000.

DEMO, P. **Educação e Qualidade**. 4 ed. Campinas: Papirus Editora, 1998.

EDUVIRGES, Joelson Ramos. A importância da biblioteca escolar para incentivar o hábito da leitura, 2012, 43 f. Monografia (Especialização) – Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Pólo Teresina, 2012.

ELY, Neiva Helena. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, p. 46-53, 2004.

FERREIRA, Adelir Pazeto; DE MELO, Sonia Maria Martins; ROSA, Silvana Bernardes. Refletindo sobre a sexualidade na Educação Infantil Reflecting about upon sexuality on in early Childhood Education. *Linhas*, v. 4, n. 1, 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FLEER, Marilyn et al. **Early childhood learning communities: sociocultural research in practice**. Frenchs Forest, N.S.W: Pearson Education Australia, 2006.

FLEER, Marilyn; HAMMER, Marie. Emotions in imaginative situations: The valued place of fairytales for supporting emotion regulation. **Mind, Culture, and Activity**, v. 20, n. 3, p. 240-259, 2013.

FRAGOSO, Graça Maria. La biblioteca escolar. Tecnología de la emoción. **Educación y biblioteca**, v. 14, n. 131, p. 15, 2002.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Centro de Recursos de Aprendizagem: biblioteca escolar para o século XXI. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, p. 138-154, 2013.

GASQUE, Kelley Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 3, p. 35-40, 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação científica**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

GUTIÉRREZ SANMARTÍN, Melchor. Aprendizagem de valores sociais através do jogo. In: MURCIA, Juan Antônio Moreno. **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HARGREAVES, Andy. **Teaching in the knowledge society: education in the age of insecurity**. New York: Teachers College Press, 2003.

HERRERA, Francisco José Rengifo. **Desenvolvimento de valores sociais na perspectiva da psicologia semiótica-cultural: um estudo com meninos brasileiros e colombianos em contexto lúdico sugestivo de violência**. 2014. xiii, 237 f., il. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

JEANSON, Francis, **L'Action culturelle dans la cite**. Paris: Seuil, 1973.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

MACHADO, Frederico Borges. **A biblioteca escolar em ebulição: o papel das atividades culturais em bibliotecas escolares**. 2011. 71 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MARTINS, Maria Aparecida Camarano. **Os relacionamentos constituídos no trabalho pedagógico da educação infantil envolvendo crianças abrigadas: análise em busca do sentido da qualidade**. 2007. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MARTINS, Lincoln Coimbra; BRANCO, Angela Uchôa. Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 169-176, 2001.

MELO, Priscilla; VIEIRA, Ronaldo. **O bibliotecário como agente cultural**. São Paulo: AGBOOK, 2012.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Estratégias didáticas utilizando internet. **Experiências com Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação**. Maceió: EDUFAL, 2006.

MOURA, Margarida Custódio. Organização do espaço no contexto da educação infantil de qualidade. **Revista Travessias**, v. 3, n. 3, p. 140-158, 2009.

OLIVEIRA, Luiza M. P., Ação cultural na biblioteca universitária: a experiência da biblioteca central da UFPE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, XVI, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

PALMIERI, Marilícia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. Cooperação, competição e individualismo em uma perspectiva sócio-cultural construtivista. **Psicol. Reflex. Crit. [online]**, v. 17, n. 2, p. 189-198, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22471.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2010.

PALMIERI, Marilícia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. Educação infantil, cooperação e competição: análise microgenética sob uma perspectiva sociocultural. **Psicologia escolar e educacional**, v. 11, n. 2, p. 365-378, 2007.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAVONI, A. **Contos e os Mitos no Ensino**. São Paulo: EPU, 1989.

PELLICER, Esther Gispert, La Mod a tecnológica en la educación: los peligros de um espejismo. Pixel-Bit: Revista de Medios y Educación, n. 9. p. 81- 92, 2007. Disponível em: <<http://www.sav.us.es/pixelbit/pixelbit/articulos/n9/n9art/art97.html>> Acesso em 20.nov. 2015.

PELIZZARI, Adriana et al. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Revista PEC**, v. 2, n. 1, p. 37-42, 2002.

POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura. **Revista Esc. Biblioteconomia**. UFMG, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 60-72, mar. 1973.

POOLI, João Paulo e COSTA, Márcia Rosa da. A criança e o mundo social: para uma reconfiguração do conceito de infância. in: V ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Curitiba. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul:

ANPED SUL. Anais. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. Curitiba - PR : Editora Universitária Champagnat, 2004.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

POZO, J.I. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Medicas, 2002.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

REGO, T. C.. **A origem de singularidades do ser humano**: análise das hipóteses dos educadores à luz da perspectiva de Vygotsky. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – USP, São Paulo, 1994.

REZENDE, Denis Alcides; ABREU, Aline França de. **Tecnologia da Informação Aplicada a Sistemas de Informação Empresariais: o papel estratégico da informação e dos sistemas de informação nas empresas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RENGIFO-HERRERA, Francisco José; UCHOA BRANCO, Angela. Values as a Mediatonal System for self-construction: contributions from Cultural Constructivism. **Psicología desde el Caribe**, v. 31, n. 2, p. 304-326, 2014.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando. **Transinformação**, Campinas, v. 6, n. 1/3, jan./dez.1994.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 20. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ROKEACH, Milton et al. **The nature of human values**. New York: Free press, 1973.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, CD de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SABINO, M^a Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista iberoamericana de educación**, v. 45, n. 5, p. 1-11, 2008.

SANDRONI, Laura e MACHADO, Raul. **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo: Ática, 1991.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

SCHELER, M. **A situação do homem no cosmos**, Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

SCHWARTZ, Shalom H. Basic values: How they motivate and inhibit prosocial behavior. **Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature**, v. 14, p. 221-241, 2010.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, A. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação**, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

STAUB, E. **The roots of evil: the origins of genocide and other group violence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TARAPANOFF, K. Biblioteca escolar: os problemas de forma, função e significado. **Bol. ABDF Nova Série**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 36-41, 1982.

TEBEROSKY, Anna; COLOMER, Teresa. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre, vol. 4, n. 1, p.1-8, jan./jun. 2008.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n. 1, p.15-24, 1990.

VALSINER, Jaan. **Culture and human development: an introduction**. New York: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Culture in minds and societies: foundations of cultural psychology.** Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 2007.

_____. Indeterminação restrita nos processos de discurso. In: COLL, César; EDWARDS, Derek, (Orgs). Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 30-45.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch (1984). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. 194p.

WEINMANN, A. O. (2008). **Infância: Um dos nomes da não razão,** 2008. 259f. Tese (Doutorado em educação). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

WORTMEYER, Daniela Schmitz; SILVA, Daniele Nunes Henrique; BRANCO, Angela Uchoa. Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 2, p. 285-296, 2014.

YUNES, Eliana. **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa **BIBLIOTECA E OS CONTOS DE FADA: DESENVOLVENDO VALORES SOCIAIS** que tem por objetivo compreender de que forma os bibliotecários podem utilizar os contos de fadas para trabalhar valores sociais na hora do conto.

O trabalho está sendo desenvolvido por uma aluna de graduação matriculada no curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília e consiste na aplicação de uma entrevista com perguntas abertas. O conteúdo de sua entrevista será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os entrevistados.

A pesquisa apresentará benefícios relativos ao seu autoconhecimento e contribuirá também com outras pesquisas relacionadas à biblioteconomia e a área da biblioteca escolar. A pesquisa apresenta riscos e, caso você se sinta desconfortável em relação a algum item do teste, você é livre para não responder. Ao final da pesquisa a pesquisadora se compromete a enviar o resultado, e, caso você se interesse, anote seu e-mail ao final da pesquisa.

Todos os procedimentos precisam ser registrados e, por isso, serão feitas gravações em áudio da entrevista. As informações dadas pelos participantes serão consideradas sigilosas. O seu nome e outras informações de identificação serão omitidos em todos os registros escritos.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Se depois de consentir em sua participação, você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A sua participação é

voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Sua assinatura abaixo indica que você leu, esclareceu dúvidas e livremente concordou em participar. Caso tenha alguma questão ou dúvida, basta entrar em contato com a pesquisadora. O nome e o telefone se encontram ao pé desta página.

Agradecemos sua atenção e cooperação.

Data ____/____/2015

Nome: _____

Telefone para contato: _____

E-mail: _____

Assinatura

Pesquisadora: Rafaela Tostes Ribeiro Vivacqua Frecchiani Alves

Telefones: (61)81160627

Orientadora: Kelley Cristine Gasque

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semi-estruturada

- Criação de clima de confiança com o entrevistado.

- Esclarecimento em relação à pesquisa e objetivos da entrevista, ao sigilo em relação à identidade e as respostas do entrevistado, e à necessidade do registro da entrevista em áudio, o fato de não haver respostas corretas ou erradas para as perguntas e a importância da discussão para se aprender mais sobre o assunto.

- Anteriormente à entrevista, o entrevistado deve preencher o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

I. Dados e informações relevantes sobre o profissional

1. Qual a sua formação?

2. Há quanto tempo trabalha com crianças?

II. Questões sobre a infância e a prática profissional

1. A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva para que os valores sejam apreendidos?

2. Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas?

3. Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler?

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros?

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles?

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária da educação infantil e do ensino fundamental?

APÊNDICE C – Entrevistas

Entrevistada A

I. Dados e informações relevantes sobre o profissional

1. **Qual a sua formação?** Eu sou formada em biblioteconomia pela UnB e me formei em 2003.

2. **Há quanto tempo trabalha com crianças?** Olha, aqui na escola estou há um ano, mas trabalhei por 3 anos em outra escola. Eu não era bibliotecária coordenadora, era assistente. Na escola das nações tem dois campis, um campus dos menores e outro dos maiores. Eu fiquei um ano e meio dos maiores fazendo tudo. Nos menores eu era contadora de histórias, por ser uma escola bilíngue, era uma semana com histórias em inglês e uma semana com histórias em português. Eu escolhia os livros no meu plantel de livros que eu queria contar histórias e assim foi durante um ano e meio. Não tenho formação na contação de histórias.

II. Questões sobre a infância e a prática profissional

1. **A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva pra que os valores sejam apreendidos?** Bom, eu acho assim, que a educação de uma criança é dividida entre escola e família. Muita gente diz que os pais estão delegando a educação toda só pra escola, que a escola está com papel excessivo. Acho que é igual esse papel, a escola educa sim. Então acho que precisamos até suprir uma falha na educação dos pais. Algumas coisas que os pais não passam, a escola tem que passar. E podemos usar os livros pra isso. Porque tem livros que contam histórias sobre como ser uma boa pessoa, como se tornar um bom amigo, como ser uma pessoa honesta, como ter bons valores. Se lemos uma história dessas e trabalhamos depois em cima disso, com os projetos, também acho legal porque não basta só ler a história e pronto acabou. A criança pode até ficar com a história na cabeça assim, mas se você trabalhar e reafirmar a história é melhor.

2. **Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas?** Bom, acho que é na infância e na pré adolescência que a gente fixa os valores que a família e escola passam

pra gente. Você quer saber quais valores... Então como ser um cidadão honesto, íntegro, não prejudicar as outras pessoas e outros valores como não jogar lixo no chão, parar no semáforo, na faixa, sabe. Tudo isso a escola ensina e os livros ensinam.

3. Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler? Pode ser na contação de histórias, a professora pode contar uma história e o aluno pode se interessar. Nessa escola que eu trabalhei antes, quando eu contava as histórias, era a mesma história a semana toda para todas as turmas. Então eles queriam pegar esse livro emprestado, mas só podiam pegar ele na semana seguinte, porque eu ainda ia utilizar ele pra contar a história nos outros dias. Então é aproveitar esse gancho, avisar eles que a biblioteca tem outros exemplares dele disponíveis para emprestar! Pegar esse gancho. Também levar os seus filhos desde cedo as livrarias e as livrarias hoje em dia tem aquele espaço que você pode sentar, manusear os livros. Então levar os filhos a livrarias, passar a tarde com eles lendo, deixando eles escolherem, sabe. Os filhos aprendem muito através de exemplos.. De nada adianta ensinar os filhos a ler, falar sobre comer direito, se nós como pais e mães não lemos e não comemos direito. Se os filhos veem que também estamos lendo, nos interessando por livros, eles também vão se interessar. Falar sobre como eram os livros quando vocês eram pequenos.

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros? Essa questão não foi respondida.

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles? Essa questão não foi respondida.

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária da educação infantil e do ensino fundamental? Primeiramente, fazemos um levantamento bibliográfico com os livros do nosso acervo que tratam do tema. Depois analisamos, dentro desses livros, qual é o mais indicado. Ou fazemos uma adaptação, juntando duas ou mais histórias. Se, por acaso, nenhum livro que tem no acervo me serviu, eu entro em contato com as editoras e peço algum livro que trate do tema.

Entrevistada B

I. Dados e informações relevantes sobre o profissional

1. **Qual a sua formação?** Eu sou pedagoga e psicopedagoga.
2. **Há quanto tempo trabalha com crianças?** Há 35 anos e 20 na escola atual.

II. Questões sobre a infância e a prática profissional

1. **A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva para que os valores sejam apreendidos?** O que deve ser feito é trazer esses valores para que eles possam vivenciar. A partir do momento em que eles tem algum problema, algum conflito que essa faixa etária dos seis aos dez anos que é essa fase dos conflitos, a fase em que ele começa a ver o outro como um desafio, uma ameaça, pois saem daquele âmbito familiar e começam a vivenciar o meio social.. então passa a viver aqueles conflitos sim, é saudável. A forma como abordar é que torna necessário trazer à criança, de forma que ela possa entender o que ela está fazendo. Muitas vezes a tendência é jogar para o outro e é aí que entram as virtudes e os valores. A escola tem um programa pra isso, que é o programa de educação moral e começa no ensino infantil, chamados hábitos do coração, as palavras de gentileza. Aqui no fundamental chamamos de “virtudes para a vida”. São todas as virtudes trabalhadas por etapas para que a criança possa entender o valor, vivenciar o valor e coloca-lo como prática na vida dela. Acho que essa é uma prática feita na escola, que faz parte da missão e dos valores da escola. Falo sobre isso com muita propriedade.

2. **Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas?** Uma das coisas que a gente faz, o respeito, o amor, a tolerância.. tudo isso é importante. Mas aqui a gente trabalha a regra de ouro. A regra de ouro diz tudo, porque todas as religiões do mundo dizem a mesma coisa, de formas diferentes, mas, no fundo: não faça ao outro aquilo que não quer que façam com você. Nos baseamos na regra de ouro pra que a criança possa se colocar no lugar do outro. A empatia, a questão de você se valorizar enquanto pessoa, também se sensibilizando com o sentimento do outro. Acho que é isso que tá faltando no mundo.

3. Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler? Eu acho que a leitura tem que ser muito bem selecionada. Aqui na escola, elas têm um cuidado muito grande pra isso. Porque? Não podemos em nível muito baixo, pois são crianças muito estimuladas. Eles gostam de ler. A demanda de leitura aqui é, toda semana eles vem a biblioteca. Além disso, eles têm projetos literários iniciados no ensino infantil, pra que eles possam ter esse hábito de leitura. Então o desafio vai no sentido de que possa trazer uma mensagem para a criança. Na biblioteca, sempre é abordado algum valor, alguma mensagem que possa agregar à vida dela. Se nos baseamos nos livros literários. Além de vir a biblioteca semanalmente, existe um acervo em sala de aula também. Com livros já pensados sobre valores, sobre outras coisas. Eu participo de uma associação de livros literários para crianças, então muitas coisas eu seleciono de lá. Muitas vezes passamos o dia em editoras selecionando também. É uma triagem muito grande que a gente faz. Além dos livros que a escola adota como projeto literário no currículo, aí todos compram antes do início.

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros? Essa questão não foi respondida.

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles? Eu acho que de forma alguma o contador pode contar um livro surpresa, escolhido na hora. Acho que tem que haver conhecimento prévio, a fala tem que encantar a criança, você tem que ter alguns recursos para chamar a atenção também. Saber o *timing* da criança, não pode ser algo muito longo, pra deixar um suspense depois. Valorizar a imagem, pois hoje a imagem fala muito pelo próprio livro. O preparo do contador de histórias, eu acho que a escolha do livro e a forma como você vai explorar depois ou antes.

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária do ensino fundamental? Eu acho assim, tudo depende do contato e da maturidade. Acho que não existe uma seleção, existe aquilo enquanto mensagem que a criança na faixa etária pode entender. Você pode contar o mesmo livro pra uma criança de quatro ou cinco anos para uma criança de seis. A forma como você vai explorar o livro é que faz a diferença. Falando em contos de fadas, acho que existe um acervo enorme e nós acabamos ficando sempre com os mesmos. Ano passado trabalhamos esse tema e percebemos que há outros contos, outras formas, de forma a sair da mesmice que a Disney explora. Temos que investigar mais, explorar mais. O livro depende da forma que você aborda, da relação que você faz.

Entrevistada C

I. **Dados e informações relevantes sobre o profissional**

1. **Qual a sua formação?** Biblioteconomia, formada na UnB.
2. **Há quanto tempo trabalha com crianças?** Trabalho há 3 anos.

II. **Questões sobre a infância e a prática profissional**

1. **A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva para que os valores sejam aprendidos?** Eu acho que a gente precisa que os pais comecem a educação das crianças, mas vejo o papel do profissional da educação como muito importante. As vezes a gente vê mais babá, motorista do que pãe e mãe, claro que tem pais muito e bastante, muito presentes. Até demais as vezes.. Aqui na escola tem uma cultura de que os professores, coordenadores, bibliotecários podem falar, sempre que virem algum aluno desrespeitando o outro, chamar atenção. Eles vem aqui na biblioteca também e conversam muito com a gente, contam sobre eles, escutam o que a gente tem a dizer, essa relação é bem legal. A gente tem essa virtudes aqui do companheirismo, do respeito, da empatia, da unidade. Aqui tem muitas etnias e nacionalidades, é tudo muito diferente. Tem menino da Colombia, Nigéria, Camarões, Rússia, Noruega, Sérvia... tem gente de todos os lugares. E o aluno então tem que ter uma mente aberta de poxa, tem que aceitar o outro como ele é. Pode ter uma cultura diferente., mas não é porque a cultura é diferente que você vai desvalorizar ele. Acho que a gente e os professores só reforçamos esse respeito.

2. **Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas?** Aqui na biblioteca, a gente construiu um ambiente que os alunos voltassem a frequentar a biblioteca, Com os alunos mais velhos, o primordial é o respeito. Eu sempre falo pra eles: gente, se vocês respeitarem a gente, a gente respeita vocês. É uma via de mão dupla, não tem como fugir. Não tem necessidade de gritar na biblioteca, de correr, nem muito menos desrespeitar a gente ou os seus colegas. Quando não tem o respeito, a gente pede pro aluno se retirar. Acho que o respeito é primordial, tá na base. Respeito é tão abrangente né? Tem o respeitar as regras da biblioteca, respeitar os pais, respeitar o espaço do colega, respeitar a

professora enquanto ela fala, respeitar a contadora de histórias, enquanto ela conta histórias, respeitar o livro que você tá pegando emprestado. Acho que por isso o respeito está tão na base. É meio complicado pra criança entender o conceito de dignidade, então a gente começa falando de honestidade, tem que ser uma pessoa honesta. Já aconteceu várias vezes acontece da criança sair da biblioteca e esquecer de pegar o livro emprestado, aí ela voltar e falar “saí e esqueci de pegar emprestado”. Eu fico feliz por ela ter voltado e sido sincera sobre isso! Aí eu falo que não tem problema, mas lembro que tem que pegar ele emprestado. É importante trabalhar com o reforço positivo, né? Quando a criança faz o errado, não focar no errado... agora quando ela faz o certo, é importante reforçar. Então... não sei, pra mim, o principal é o respeito e diante dele surgem todas as outras coisas.

3. Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler? Se todas as escolas tivessem o hábito de levar os alunos as bibliotecas.. Problema é que nem todas as escolas tem biblioteca.. A maior parte das escolas no Brasil não tem biblioteca e quando tem, nem é um bibliotecário que tá atuando lá. Tem essa falha no sistema. Mas acho que só o fato de haver um momento especial de contação de histórias e, não adianta ser só na sala de aula, o fato deles saírem da sala pra um ambiente diferente. Se todas as escolas pudessem ter um projeto pra aproveitar o ambiente. A gente vê tanta diferença aqui. É muito importante ter esse espaço específico pra aula.

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros? Os professores participam, é uma ação conjunta com a sala de aula e ao mesmo tempo a gente tem um projeto. A gente tenta linkar com o que tá sendo aprendido em sala de aula, com a necessidade deles e, às vezes com a nossa também. Às vezes a gente ensina, por exemplo, CDD. Mesmo no segundo ano, a gente ensina eles a buscar os livros na estante, ensina as regrinhas da biblioteca. Aqui a gente tem um currículo específico pra biblioteca, pra cada série, o que os alunos precisam atingir, em questão de biblioteca. Série tal tem que estar lendo até tantas palavras, algumas coisinhas básicas assim. A gente aplica e, depois disso, a gente tenta ver o que atingimos do que tá disposto no currículo. Ai de acordo com a série vão aumentando os requisitos né, os objetivos que a gente precisa que eles atinjam. A gente ensina eles a trabalharem com citações também e, de acordo, com o currículo dos professores, a gente já sabe o que pode cobrar deles. Os planos de aula então são sempre relacionados a alguma coisa.

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles? Acho que uma

parte mais técnica geralmente, as professoras na sala de aula tem uma técnica e a gente tenta seguir essa técnica pra chamar atenção deles. Tem professora que faz o waterfall e os alunos já sabem que é pra ficar quieto. Tem professora que faz o five..four, até ir abaixando o volume. Acho que a parte mais técnica de fazer os alunos ficarem quietos é essa.

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária do ensino fundamental? Quando a gente sabe que eles já tem muita convivência, assim de casa, com os contos de fadas comuns, a gente vem com uns alternativos. Tem aquele do lobo que o final pode ser diferente, que fala 'se você quiser que o final seja assim, vá para a página tal'. É uma forma diferente de re-contar. Principalmente com os mais velhos, as vezes você vai contar e ele fala 'esse eu já vi, já sei' e aí você fala outro. Tem uns também que sempre gostam, já viram um milhão de vezes e leram. Mas é legal também ter uns alternativos assim.

Entrevistada D

I. **Dados e informações relevantes sobre o profissional**

1. **Qual a sua formação?** Português brasileiro como segunda língua, formada na UnB.
2. **Há quanto tempo trabalha com crianças?** Trabalho há um ano e meio, tive outra experiência em outra escola.

II. **Questões sobre a infância e a prática profissional**

1. **A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva pra que os valores sejam apreendidos?** O profissional da educação é fundamental, as vezes acaba que a gente tem que educar os meninos né.. trazer certas coisas que de certa forma não são aprendidas em casa. Como professora, a gente trabalha muito o papel das virtudes aqui na escola, é um dos principais pilares da escola. Quando a gente vai trabalhar alguma coisa, selecionar alguma história, eu tento sempre colocar alguma virtude e procurar o feedback das crianças. Eles tem respostas muito positivas e isso influencia no comportamento que eles tem uns com os outros.

2. **Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas?** Acho que o respeito é o valor que a gente tem que, assim, seguir pra nossa vida toda. Desde pequeno temos que introduzir isso, ai a gente trabalha com eles já ne, vamos respeitar, tem as regrinhas da biblioteca por exemplo. Acho que empatia também, né? Se colocar no lugar do outro, não fazer com o outro o que eu quero que façam comigo.. E isso já é respeito também. Se eu to respeitando o outro, é empatia.

3. **Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler?** Acho que é importante que a criança possa entrar em contato com o livro, mesmo que ela não leia, ela possa manusear, pegar e querer contato. É muito fofo porque aqui boa parte dos alunos já tem o hábito. Aqui tem devoradores de livros. A parceria com os pais é bem importante, porque os pais querem que

eles leiam e a gente trabalha em conjunto. Da mesma forma que a gente trabalha com os que não tem hábito de leitura, cabe a gente incentivar.

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros? Além de tentar buscar o link com o que tá sendo dado em sala de aula, com as nacionalidades deles, a gente tenta também. A gente tem aluno com deficiência auditiva também, então é legal integrar eles e não ter essa barreira. Já ensinei por exemplo dar aula em libras pra estimular a interação entre eles. As vezes o professor da sala de aula pede pro tema ser trabalhado, tem o projeto da biblioteca mesmo, eu já organizo semanalmente o tema da aula e seleciono os livros em relação. Eu já to planejando pra semana que vem alguma coisa sobre a consciência negra, apesar de ser uma data do Brasil e ser a semana de inglês.. eu to pensando assim, o que que eu posso fazer e ensinar eles do porque temos que respeitar o próximo, respeitar outra etnia. Ano passado falei do Marthin Luther King, contei a mesma história.. mas pros mais velhos mostrei alguns vídeos. É legal ver o argumento, eles ficam curiosos e querem saber mais. Eles buscam, desperta a curiosidade. A gente as vezes subestima e pensa que eles não vão entender.. a gente se surpreende então.

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles? Eu gosto de chamar atenção, assim, pra algo.. assim, pelo menos para os mais velhos, trazer algo que faça parte da realidade deles e não subestima-los. Eu acho que quando trago uma história mais real pra eles, eu consigo chamar a atenção e ouvir argumentos mais legais. Com os pequenos eu gosto da coisa mais lúdica e eles ficam todos empolgados com a hora de história, é muito fofinho. Escolho algumas coisas mais relacionadas ao ano. Gosto de trazer biografias, coisas que inspiram e eles ficam querendo saber mais sobre a pessoa. Ano passado eu contei sobre a Anne Frank, falei pros meninos do quarto e do quinto. Separei trechos da história em grupos e eles ficaram se perguntando se isso aconteceu mesmo, impressionados “isso foi verdade? Aconteceu isso?”. Acho também que a parte de silenciar a sala é interessante, porque por exemplo, se eu estou sozinha tendo que contar a história.. eu tenho que parar muitas vezes, quando eles estão conversando e isso já tira a atenção deles. Até eu perco a entonação. É um papel conjunto, se eu to contando a historia eu preciso da ajuda por exemplo das assistentes, da professora. As vezes eles chegam agitados do recreio, da educação física, chegam na pilha. As vezes eu consigo chamar atenção só com a história, mas tem hora que não dá entendeu? É um trabalho bem em conjunto que tem que desenvolver pra chamar a atenção, até comportamento e participação.

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária do ensino fundamental? Eu começo com alguma coisa mais lúdica pra eles, assim, eles gostam muito. Eu começo e eles já vem todo encantados, me vendo vestida de deusa. Eles gostam muito disso, coisas mágicas, imagens que chamam muita atenção. Aí vou aumentando o nível de dificuldade.

Entrevistada E

I. Dados e informações relevantes sobre o profissional

1. Qual a sua formação? Eu sou pedagoga, séries iniciais e finais. Minha turma foi a última que fez aquela fase de educação infantil. Eu tenho especialização em sexologia pra trabalhar com educação infantil e também psicopedagogia feita na UnB e agora estou fazendo curso de gestão de pessoas na PUC do Rio Grande do Sul. Me formei em 1989.

2. Há quanto tempo trabalha com crianças? Há 27 anos.

II. Questões sobre a infância e a prática profissional

1. A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva pra que os valores sejam apreendidos? O primeiro momento que eu vejo nos valores de infância é respeitar a infância. O que a gente tem vivenciado nessa loucura da nossa vida de rotina diária é que os adultos acabam incorporando as crianças na vida adulta, e temos que fazer exatamente o contrário. Então os valores são dados todos os dias, de maneiras pedagógicas e devagarzinho. A gente não consegue fazer com que uma criança seja feliz atropelando a fase da infância. Então é primordial que o adulto saiba respeitar a fase infantil.

2. Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas? Na fase infantil, o que eu acho que nós todos enquanto seres humanos, o primeiro valor é o respeito a vida. Seguidamente do respeito ao próximo, saber lidar com as diferenças. Eu acho que hoje em dia o que mais nos deixa angustiados é o conviver. O estar social tem feito muita diferença entre as crianças, porque nós enquanto adultos trazemos muito pras crianças aquilo que nós temos de expectativa pra convívio dos nossos filhos. E a gente não dá relevância a esse significado de respeito. Então acho que esse é o valor essencial é o respeito ao próximo.

3. Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler? Eu penso que nós enquanto escola, temos trabalhado significativamente muitas coisas, que a gente precisa dar direcionamento e valor a leitura. Porque o que as crianças têm do lado de fora, a parte tecnológica, o estímulo social fora é muito maior do que temos em nossas bibliotecas. Então o que temos que fazer

é conscientizar desde a moça que trabalha em casa, o pai, a mãe, a avó e estar sempre falando de leitura e apresentando pra eles a delícia de sentar pra ler o livro. Fora isso, é estímulo todos os dias pra que sintam que a leitura é uma coisa deliciosa, diferentemente do que ficar o dia inteiro sozinho em um tablet. Folhear o livro é importante. E a gente faz aqui na escola, sempre que possível trazer o contador de histórias. Nós temos essa prática do colégio, as crianças participam da hora do conto toda semana.

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros? As crianças tem na sala de aula a biblioteca deles de sala de aula. Então eles têm uma bolsa de leitura, mesmo indo visitar a biblioteca, eles escolhem o livro em sala de aula. Então dentro da perspectiva, do interesse deles, a professora que é responsável por essa hora do conto, ela faz a pesquisa e proporciona pra eles essa hora do conto. Pode ser por causa do projeto, pode ser por alguma dificuldade que eles estão vivendo em sala de aula. Alguma coisa de interesse deles. É elaborada pela professora da hora do conto, juntamente a professora da sala de aula. E a bibliotecária sempre nos estimula. Os livros temos na lista de material, 6 livros que vão ser trabalhados em sala de aula e a cada trimestre, as crianças escolhem um livro diferente em consenso com o que vão trabalhar com cada professora.

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles? Olha, dependendo de cada faixa etária. Acho que o contador de histórias tem que estar muito ligado no interesse daquele grupo de idade diferentemente. A educação infantil ela sempre proporciona que ela esteja fantasiada, o ambiente esteja preparado.. Não desrespeitando os maiores. Mas a hora do conto dos maiores é sempre mais interativa, então ela está trabalhando de forma que eles se envolvam mais na hora que ela vai contar a história. Pra que prenda a atenção né?

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária do ensino fundamental? Eu acho que o conto de fadas pode ser contado pra qualquer faixa etária. Isso depende do contador de histórias. Então eu sempre brinco com as meninas que às vezes elas começam a querer selecionar os contos de fadas pra que as crianças não se frustrem não se desencantem. Eu acho que todo momento existe o aprendizado, então assim, a maneira com que se conta e o objetivo que a professora quer com aquele conto de fadas. Ela pode contar em qualquer circunstância. E a gente já viu isso né? Tantos artistas e escritores recontaram as histórias de maneiras diferentes.

Entrevistada F

I. **Dados e informações relevantes sobre o profissional**

1. **Qual a sua formação?** Eu sou psicóloga e sou psicanalista formada pela sociedade brasileira de psicanálise. Eu coleí grau no início de 1995.

2. **Há quanto tempo trabalha com crianças?** Trabalho há 18, 19 anos com crianças de todas as idades.

II. **Questões sobre a infância e a prática profissional**

1. **A infância é a fase da vida em que os valores sociais são incorporados e aprendidos, como o profissional da educação pode contribuir de forma positiva pra que os valores sejam apreendidos?** Os valores sociais... Deixa eu pensar. Eu acredito que no próprio vínculo que ele estabelece com a criança, ele vai passando valores éticos e vai trabalhando questões da vida diária. Eu acho que, no caso, ele dentro de um ambiente escolar que propicie isso também, onde ele tenha alguma liberdade. Porque acredito que ele passe os valores através do vínculo. Tudo depende do vínculo que ele estabelece com a criança, né... Então eu acredito que é assim. E aí ele vai podendo passar conceitos relacionados a educação. A gente vê desde pequeno, os professores fazendo com criança muito pequena, ensinando elas a conviverem com outras crianças, colocando limites, fazendo uma integração dos pais com a escola. Acho que tudo isso ajuda a passar valores sociais.

2. **Ao pensar na sociedade que vivemos hoje, quais são os valores sociais você considera importantes que as crianças aprendam na infância para crescerem como indivíduos íntegros nas relações com as outras pessoas?** Eu acho que o mais importante e o que está mais em falta é a ética, né. As questões éticas, a consideração pelo outro. As pessoas estão pregando muito o individualismo. Então assim, o filho tem que ser o super, tem que aprender inglês, francês, tem que ser o melhor em tudo... Então acredito que a gente tem que estimular as crianças a serem e a gente tá preparando crianças para serem cada vez mais individualistas. Aí a questão do social fica um pouco perdida no meu entender. Acredito que é trabalhara questão do grupo, a consideração com o outro. Mas acho que isso também tem que estar introjetado também no profissional de educação, ele tem que ter isso dentro dele. E entramos em outros problemas né... Porque eles também não são respeitados, eles também, quando estão em uma instituição, são muito pouco

valorizados. Como é que eles vão passar algo que não sentem que os outros têm por eles? Acho que aí a gente vai pra uma questão mais abrangente. Mas aqui eu penso que é essa questão de consideração pelo outro, valorização do vínculo, ajudar a criança a fazer simbolizações, propiciar espaço pra isso. Porque a gente tá com tudo muito pronto, tá tudo muito no concreto. Então as crianças brincam muito pouco, estão muito conteúdistas, querem que a criança aprenda logo a ler... A gente vê muito isso na educação infantil, a criança tem muito pouco espaço pra brincadeira e ela precisa brincar mais. Pra poder simbolizar mais, ter melhor entendimento de si mesma. Ela vai se entendendo brincando né? Então se ela se entender melhor, ela vai poder entender o outro melhor. E aí vai propiciar melhor vínculo social pra elas, melhor contato.

3. Como o material de leitura pode ser utilizado com as crianças de forma que elas se interessem pelo ato de ler? Olha, eu vejo muito assim, algumas escolas elas tem feito uma coisa muito interessante: quando elas vão contar uma história, elas se vestem como uma personagem né? Então você vê que tem pessoas que tem um dom pra fazer isso. Elas se vestem, elas envolvem a criança com aquilo; Eu acho que ela faz muito mais um papel de contadora de histórias do que de professora propriamente dito, porque a criança se envolve. Por exemplo, tem escolas que fazem também roda de livro, a criança leva toda sexta feira, desde pequena, livros para casa, para os pais lerem com elas. Ela vai desde pequenininha na biblioteca, a criança pode pegar livro e levar pra casa. Acho que isso vai ajudando a criança a se interessa pela leitura e não só pelos livros de contos de fadas, assim, na minha época eram esses livros os que a gente mais lia. Mas hoje as crianças tem tido outros interesses né? Então eu vejo crianças muito pequenas, as vezes antes de serem alfabetizadas, elas tem contato com revistinhas, por exemplo 'Turma da Mônica'. Então tem que ter algo que interesse a elas, nesse sentido. Construindo histórias com as crianças, elas contando e tentando fazer uma narrativa com elas. Não só leitura de livros, mas elas contarem um ahistória junto da professora, usando imagens, recortes, desenhos. Quer dizer, elas também sendo estimuladas a fazerem, a criar. Porque também temos muita passividade no processo de educação, se elas forem mais ativas, acho que elas podem se incentivar mais, imagino. Peças teatrais sobre os temas também, coisas assim.

4. Como é elaborada a atividade de hora do conto? Quem participa da elaboração deles? Como são escolhidos os livros? Essa questão não foi respondida.

5. Como o contador de histórias deve trabalhar e conduzir a atividade de hora do conto para chamar a atenção dos alunos e interagir com eles? Acho que essa eu já respondi né? Mas é envolver a criança no lúdico, porque não é só contar a história...

Tem uma entonação na voz, tem as pessoas que se vestem e se caracterizam. Eu acho assim, tem que ter uma interação. Acho que vira quase uma artista. Tô me lembrando de uma pessoa que faz apresentação no terraço, ela já foi até professora da escola do meu filho. E ela é uma pessoa muito boa como contadora de histórias assim, sabe? As crianças ficam muito ligadas nela, ela faz todo um teatro, eu acho que isso ajuda e tem que ser assim pra interessar. Hoje tem muito estímulo, tem os tablets, tem os celulares.. Então pra criança se interessar pela leitura, ela vai ter que ser mais estimulada do que se era no passado. Antes o professor mandava a gente ler um livro, a gente tinha que ler e tinha que fazer resumo, a gente escutava as professoras lerem, mas não existia tudo o que existe hoje, a gente não precisava fazer tanta coisa pra chamar atenção. Ficou mais complexo porque agora você entrega o quebra-cabeça pra criança fazer e ela prefere fazer ele no tablet. E não tem como tirar isso, temos que nos adaptar a isso..

6. Como você seleciona os contos de fadas para as crianças da faixa etária do ensino fundamental? Pois é, temos até um livro... A psicanálise nos contos de fadas, ele é muito bom. Eu acredito que os clássicos são muito importantes. Agora tá acontecendo uma situação mais complexa. Porque os contos de fada clássicos trazem de forma muito clara pra criança o que é bom e o que é mal. E a criança, principalmente nesse primeira infância, ela precisa dessa definição: do bom e do mau. Você vê nesses contos de fadas clássicos: a Branca de Neve, ela é muito boa e a madrasta é muito má. Então eles precisam de histórias e conceitos que ajudem eles a fazer essa cisão entre o bem e o mau, entre o bom e o mau. Porque elas podem, vamos dizer assim, ficar confusas entre o que é bom e o que é mau. Então acho que isso é importante nesse sentido. Outra coisa, quando a criança escuta a história da madrasta muito má e aquela menina muito boa, ela vai vivenciando dentro dela, aspectos dessa madrasta má e aspectos dessa menina muito boa. Ela vai podendo experimentar e criar dentro dela, vai vivendo esses personagens também dentro dela. O que acontece é que a gente não deve restringir só aos contos de fadas clássicos, precisamos também trabalhar com autores mais modernos, pessoas que são mais contemporâneas. Às vezes a gente vê livros que falam sobre sentimentos, livros que ajudam muito. Agora, o que eu vejo que acontece muito hoje nessas histórias mais atuais e infantis é que o bom não é tão bom e o mau, não é mais tão mau. E isso traz uma humanização maior dos personagens, mas pra criança muito pequena pode trazer uma confusão, eu acho. Acho que, como você estava falando da educação, da questão dos valores sociais.. Acho que quando a criança é muito pequena, ela precisa de histórias que tenham papéis mais definidos. No caso de uma criança mais velha, um pré-adolescente ou pré-pré-adolescente 9, 10 anos... Aí já dá pra entrar com personagens mais complexos, que tenham essa mistura de sentimentos. Aquelas personagens como o anti-herói, que não é tão legal, mas o

menino se identifica com ele. Pra criança menor, acho que o papel precisa estar mais dividido pra que a criança entenda a diferença entre o bom e o mau.